

Convergência

ISSN 0010-8162

Março - 2000 - ANO XXXV - N. 330

- A Dignidade da Pessoa Humana e a CF-2000
- Ano de Graça: Restabelecer o Direito e a Justiça (Is 61,1-3)
 - A Trindade no Oriente Cristão
 - Ser presença do Deus Amigo
 - O Segredo de Jeremias



SUMÁRIO

Editorial	65
Palavrado Papa	68
Informe CRB	70
Artigos	74
A Dignidade da Pessoa Humana e a CF-2000.....	74
<i>Frei Cristóvão Pereira, OFM</i>	
Ano de Graça: Restabelecer o Direito e a Justiça (Is 61,1-3).....	86
<i>Shigeyuki Nakanose, SVD</i>	
A Trindade no Oriente Cristão	99
<i>Pe. Victor Codina, SJ</i>	
Ser presença do Deus Amigo	105
<i>Rosinha Borges Dias</i>	
O segredo de Jeremias	
Derrota e fracasso como fonte de resistência nas "confissões".....	116
<i>Massimo Pampaloni SJ</i>	

A ilustração da capa de Convergência-2000 é uma versão brasileira do ícone russo da Santíssima Trindade de Rublev, por Cláudio Pastro.

ASSINATURA PARA 2000:

BRASIL: Terrestre ou aérea.....	R\$ 72,00
Número avulso (Brasil)	R\$ 7,20
EXTERIOR: Terrestre ou aérea	US\$ 85,00
ou o correspondente em	R\$ (Reais).

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
20038-900 • Paço de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@ibm.net

Campanha da Fraternidade 2000

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

DIGNIDADE HUMANA E PAZ — NOVO MILÊNIO SEM EXCLUSÕES

A Campanha da Fraternidade 2000 é sem dúvida uma graça e um desafio. *Graça* porque, pela primeira vez no já longo itinerário das Campanhas da Fraternidade no Brasil, estamos trabalhando junto várias Igrejas cristãs, unidas em torno de um mesmo objetivo evangelizador. Com seu “novo rosto” — ecumênico — esta Campanha significa somar forças e fazer crescer a esperança. Constitui, por si só, um eloqüente testemunho de unidade, num mundo dividido por razões de ordem múltipla. *Desafio* porque o tema da Campanha deste ano — *Dignidade Humana e Paz. Novo Milênio sem Exclusões* — nos defronta com uma situação social extremamente grave, gerada por um sistema sócio-econômico excludente, em um mundo onde a Paz é visivelmente frágil e está constantemente ameaçada. Agradecendo a Deus esta dádiva, cristãos e cristãs começamos a Campanha em atitude de união e oração, de colaboração, solidariedade, parceria e inclusão.

A luta pelo resgate da dignidade de mulheres e homens, tão esquecida ou mal tratada ao longo da história da humanidade, particularmente nos nossos dias, e a luta pela conquista da Paz são parte integrante da missão evangelizadora das Igrejas. E isto nos encoraja para acalantar, animados pelo Espírito, sonhos de paz e fraternidade no Novo Milênio.

A Organização das Nações Unidas consagrou 2000 como o Ano Internacional por uma Cultura de Paz. A ONU propõe que nos dediquemos a construir entre os povos e comunidades e também nas relações interpessoais uma nova forma de convivência humana, baseada na paz e na não-violência. Mas a Paz não pode se dar sem a justiça e sem o respeito à dignidade da pessoa humana e aos direitos fundamentais que sustentam essa dignidade. A Boa Nova anunciada por Jesus traz a marca desta Justiça, que se inscreve no horizonte do Reino de Deus, o qual privilegia os pobres, os pequenos, os excluídos. E para que haja Paz, duradoura e

fecunda, toda a criação deve ser amada e respeitada como obra de Deus que é. Desrespeitar a criação e a criatura torna a Paz impossível. É preciso lutar pelos direitos de todos e de cada um. Resgatar a dignidade humana, lutando pela distribuição justa de rendas e terras, pelo trabalho digno. É preciso respeitar crenças, tradições e territórios, sabendo que ninguém precisa negar sua raça, sua língua, sua cultura, suas crenças para ser filho de Deus e irmão/irmã de todos. É preciso lutar por novas medidas econômicas e sociais, pelos direitos de habitação, saúde, educação, com a consciência de que toda ameaça e todo atentado aos direitos humanos levam a conflitos de grande alcance e ameaçam a paz.

A Campanha da Fraternidade é sempre um convite à conversão. Isto supõe parar, refletir, tomar decisões. Num mundo tão dividido, somente atitudes de parceria e esforço conjunto poderão conseguir plantar sementes de Paz e de Justiça.

Como toda vocação cristã, a Vida Religiosa está chamada a dar respostas concretas aos desafios da CF-2000. Não é possível permanecer indiferentes ao espírito e aos apelos da Campanha deste ano, nem ao fenômeno gritante da exclusão, seja qual for a sua origem: condição social, raça, cultura, gênero, cor da pele, crença ou religião. Pelo contrário, é preciso estar atentos e vigilantes, como a sentinela de que nos falam os textos bíblicos, que perscruta o horizonte e discerne os sinais daquilo que está acontecendo mais além de montes e planícies, para preservar a Paz e a Vida do povo. Na atual encruzilhada histórica não cabem nem desculpas, nem omissões, fugas ou falácias, sob pena de renunciarmos à dimensão profética, constitutiva da nossa vocação-missão. O que se nos pede é que sejamos lúcidos e corajosos, dispostos a somar-nos a esse mutirão de Vida e Esperança, enraizado no Evangelho de Jesus para promover a Paz e a Justiça, para educar para a responsabilidade e a cidadania, para ajudar a transformar as estruturas sociais e construir a liberdade verdadeira. Com todas as Igrejas empenhadas na CF-2000, continuemos juntos nossa conversão e nossa atuação, celebremos juntos este momento de Graça, rezemos juntos o Pai Nosso, como irmãos e irmãs.

Os artigos publicados na CONVERGÊNCIA este mês, situam-se nesse amplo horizonte dos objetivos da CF-2000.

O texto de Fr. Cristóvão Pereira — *“A Dignidade da Pessoa Humana e a CF-2000”* — é um interessante subsídio para o aprofundamento do eixo central da Campanha, ou seja, a dignidade humana. Tecendo considerações de ordem antropológico-social e teológica, o autor pretende oferecer elementos para uma compreensão mais adequada das exigências básicas do respeito ao outro na sua inalienável alteridade e dignidade.

Em seu artigo — *“Ano de graça: restabelecer o direito e a justiça”* —, Shigeyuki Nakanose, apoiando-se em textos bíblicos, chama atenção para o sofrimento do povo ao longo da história e convida-nos à reflexão e à ação. Mostra-nos que, em meio a tanto sofrimento, prevalece sempre a esperança do povo de Deus. A boa nova brota da boca do profeta para consolar e estimular o povo a continuar seu caminho de salvação, viver a esperança e a resistência. Os ministros do Senhor são

Devemos alargar os nossos horizontes!

*Ilustres Representantes religiosos
Diletos Amigos*

1. Na paz que o mundo não pode conceder, saúdo todos vós reunidos aqui na Praça de São Pedro, no encerramento da Assembléia inter-religiosa que se realizou nos últimos dias. Ao longo dos meus anos de Pontificado, e de maneira especial por ocasião das minhas Visitas Pastorais às diversas regiões do mundo, tive a grande alegria de me encontrar inumeráveis vezes com outros cristãos e com membros de outras religiões. Hoje este júbilo renova-se aqui, junto do túmulo do Apóstolo Pedro, cujo ministério na Igreja é minha missão continuar.

2. Sempre considereí que os líderes religiosos têm um papel vital a desempenhar na *nutrição daquela esperança de justiça e de paz, sem a qual não haverá um futuro digno da humanidade*. Enquanto o mundo celebra o termo de um milênio e o início de outro, é justo que nos detenhamos e olhemos para trás, a fim de assumirmos a situação presente e progredirmos juntos rumo ao futuro.

Ao analisarmos a situação da humanidade, é porventura exagerado falar de uma *crise de civilização*? Observamos os enormes avanços tecnológicos, que contudo nem sempre são acompanhados de um grande progresso espiritual e moral. Notamos de igual modo um crescente fosso entre os ricos e os pobres — a nível quer dos indivíduos quer das nações. Muitas pessoas fazem ingentes sacrifícios para demonstrar solidariedade para com aqueles que padecem necessidades, fome ou doenças, mas ainda falta um desejo coletivo de superar desigualdades escandalosas e de criar novas estruturas que façam com que todas as pessoas gozem da justa partilha dos recursos mundiais.

Além disso, há inumeráveis conflitos que constantemente rebentam no mundo inteiro — guerras entre nações, combates armados no seio dos países, conflitos que persistem como feridas abertas e reivindicam uma cura que parece nunca chegar. Inevitavelmente, são as pessoas frágeis que mais sofrem nestes conflitos, de forma especial quando são erradicadas das suas casas e forçadas a fugir.

3. Sem dúvida, este não deve ser o modo de viver da humanidade. Por conseguinte, não é acaso justo afirmar que realmente existe uma crise de civilização que só pode ser contrastada mediante uma renovada *civilização do amor*, fundamentada nos valores universais da paz, solidariedade, justiça e liberdade (cf. *Tertio millennio adveniente*, 52)?

Segundo determinadas pessoas, a religião é uma parte deste problema, que obsta o caminho da humanidade rumo à paz e à prosperidade genuínas. Como homens de fé, temos o dever de demonstrar que isto não é verdade. Qualquer uso da religião que sirva para apoiar a violência é um abuso da própria religião. A religião não é e não deve tornar-se um pretexto para os conflitos, de modo particular quando a identidade religiosa, cultural e étnica coincidem. *A religião e a paz caminham pari passu*: declarar guerras em nome da religião é uma evidente contradição (cf. *Discurso aos participantes na VI Assembléia da Conferência mundial sobre Religião e Paz*, 3 de Novembro de 1994, n. 2). Os chefes religiosos devem demonstrar de maneira preclara que estão empenhados em promover a paz precisamente em virtude da sua crença religiosa.

Portanto, a tarefa que se nos apresenta consiste em *promover uma cultura do diálogo*. Individual e coletivamente, devemos demonstrar que a fé religiosa inspira a paz, encoraja a solidariedade, promove a justiça e salvaguarda a liberdade.

Contudo, o ensinamento por si só não é suficiente, por mais que seja indispensável, uma vez que deve transformar-se em obras. O meu venerando predecessor, Papa Paulo VI, observava que na nossa época as pessoas prestam mais atenção às testemunhas do que aos mestres, que escutam os mestres se estes forem contemporaneamente testemunhas (cf. *Evangelii nuntiandi*, 41). Basta pensar no inesquecível testemunho de pessoas como Mahatma Gandhi ou Madre Teresa de Calcutá, para mencionar somente duas figuras que tiveram um grandioso impacto sobre o mundo.

4. Além disso, a força do testemunho está no fato de que este é compartilhado. É um sinal de esperança que as associações inter-religiosas se tenham estabelecido em muitas partes do mundo para promover a reflexão e a ação conjuntas. Nalgumas regiões, os líderes religiosos foram instrumentos de mediação entre as partes em conflito. Noutras localidades, a causa comum visa proteger o nascituro, salvaguardar os direitos das mulheres e das crianças, e defender os inocentes em geral. Estou persuadido de que o aumentado interesse no diálogo entre as religiões constitui um dos sinais de esperança presentes na última parte deste século (cf. *Tertio millennio adveniente*, 46). Contudo, é necessário ir mais além. Uma maior estima recíproca e a confiança crescente devem levar a uma ação comum ainda mais efetiva e coordenada, em benefício da família humana.

• • • • •

5. Ao encontrarmo-nos hoje aqui, pessoas provenientes de muitas nações e representando inúmeras religiões do mundo, como podemos deixar de evocar o encontro de Assis, realizado há 13 anos, por ocasião do Dia Mundial de Oração para a Paz? Desde aquela data, o «espírito de Assis» foi conservado vivo através de várias iniciativas em diversas partes do planeta.

Joannes Paulus n. II

C O N T E N T O

Projeto “Recuperação da Memória Histórica da Mulher na VR Feminina na América Latina e Caribe.”

IR. LAURITA GHELLER, SDS

No dia 1º de dezembro de 1999 enviamos à CLAR, responsável pelo Projeto em nível de América Latina e Caribe, o resultado, sistematizado, da pesquisa feita por 42 Congregações, aqui no Brasil.

Neste INFORME queremos partilhar um pouco de nossas esperanças e as impressões marcantes que até aqui vivemos. Trazemos o depoimento das Irmãs que trabalharam, arduamente nestes últimos quatro meses (agosto a novembro), fazendo a sistematização das fichas recebidas, de acordo com o programa da CLAR. Por eles poderão perceber rastros do que essa missão significou para elas.

Um texto de Maria Salas, tomado do opúsculo 1 da Coleção Débora — Publicações Claretianas, nos ajuda a situar nosso Projeto dentro de um contexto histórico que bem significa o estado real da mulher na sociedade e na Igreja e sua audaciosa iniciativa de querer recuperar sua história destes quarenta anos, tão perto e já tão distantes, diante da acelerada mudança que a vida provoca e exige em todas as esferas.

“RECORDAR JUNTAS O FUTURO”

O futuro é prefigurado no passado quando este é uma vivência de libertação. O grupo humano que experimentou a passagem da opressão à libertação encontra na MEMÓRIA dessa experiência o sentido de seu futuro que não será nunca voltar à escravidão mas ampliar sempre mais os limites da liberdade.

As mulheres, através dos séculos lutaram por sua libertação. Há anos estão tentando recuperar sua história que durante um tempo demasiado foi quase apagada, oculta por relatos alheios a elas mesmas. A memória do seu caminho de libertação que, para as que crêem, engloba a plena salvação trazida por Jesus.

“Recordar juntas o futuro” é uma chamada que anima as mulheres a descobrir em sua memória histórica a força para continuar a luta por um futuro diferente e mais humano. Um mundo em que as mulheres têm que encontrar, ocupar e proteger seu próprio espaço.

A história é inseparável do futuro. Cada vez mais concebemos a história como uma força operativa de libertação e de relação. É uma necessidade de auto-compreensão profunda, de comunicação, de comunhão. Necessidade de raízes, de sentido.

Quando a história nos é apresentada como algo escrito pelos outros e nos ignora, nos marginaliza ou mal interpreta, nos sentimos estranhas a ela. Mas se a entendemos como algo que nos antecede, nos é coetânea e nos prolonga, nos sentimos parte dessa grande "caminhada". Então a história nos afeta, nos irmana, nos faz ser mais responsáveis; se nos apresenta como uma tarefa comum, de herança, de raiz. A Tradição é assim sentida como o grande fundo comum de experiência, de sabedoria, de valores, de riscos, de pecado e de graça de que participamos e para o que contribuímos.

Este trabalho da memória não será portador de abertura ao futuro se não se traduz em vigilância sobre o presente. A vigilância se impõe hoje mais do que nunca; exige atenção para aprender a ver e discernir o que realmente está em jogo, discernimento que não é o resultado de intuições espontâneas, mas que reclama a mobilização de todas as nossas forças: memória, inteligência, vontade ativa.

Quando estamos separadas ou em um terreno particularmente hostil não é fácil encontrar a força necessária para continuar esforços que às vezes parecem insignificantes, nem ser bastante criativas para imaginar novas respostas. Por isso é tão importante reunir-se com outras mulheres, partilhar com elas nossas experiências, nossas preocupações, nossas esperanças e nossos temores.

Não é isso o que estamos tentando?

Algumas constatações feitas por mim ao longo da sistematização do trabalho da pesquisa:

- Acento na opção pelos pobres e marginalizados.
- Fechamento gradativo de Escolas — hoje a sociedade se ressentiu disso.
- A injustiça salarial na pastoral eclesial... luta ainda a ser enfrentada.
- Questão de gênero; o caminho a ser desbravado, ainda é longo.
- Há muito heroísmo silencioso.. levando-me várias vezes às lágrimas; muita Vida está sendo sacrificada...

Vocação é Dom de Deus, é chamado...e aqui estamos nós, as Mulheres Consagradas do 3º Milênio, respondendo ao apelo, para continuar Sua Obra hoje. Encontrei junto ao material de pesquisa, uma poesia de Ir. Cléofa Hoepers, DP, que define um pouco quem é esta mulher hoje. Dedico-a, a todas as Religiosas como encorajamento na caminhada e a Deus, Pai da ternura, um Obrigado." Vai publicada no final.

“Rebobinando um pouco o Projeto, lembro algumas de suas frases:

O primeiro momento, sem dúvida foi aquele em que nos inteirávamos do Projeto, na Sede da CRB, com as informações sobre o mesmo, passadas a nós pelas irmãs que o receberam da CLAR. Foi um tempo — não de desconfiança — mas de muitas interrogações e dúvidas.

a
i
c
i
a
é
n
c
i
a
g
g
e
r
v
e
r
c
o
n
v

Depois, veio a árdua tarefa feita nas Congregações. Neste período, do qual mais gente participou através dos chamados “pontos de ligação”, o trabalho foi grande. Foi momento de mergulhar na riqueza histórica guardada nos arquivos das Congregações e no coração de tantas irmãs que deram seu depoimento a respeito dos mais variados assuntos. Eu pensava naquela ocasião: quanta riqueza escondida em nossos livros de arquivo! Quanta vida registrada nas páginas de nossa história! E ficava com certo pesar por não ser possível dizer mais das maravilhas que o Senhor operou através da força escondida na aparente fragilidade de mulheres doadas à causa do Reino. Essa fase foi sentir a mão de Deus caminhando com seu povo reunido numa família religiosa.

Chegou mais uma etapa, feita novamente na Sede Nacional da CRB: a conclusão do Projeto na parte que tocou à Conferência do Brasil. O depoimento que me brota do coração é o seguinte:

Nós duas, Laurita e eu, liberadas por nossas congregações, assumimos fazer a sistematização das milhares de fichas enviadas à CRB pelas congregações que participaram do Projeto. O trabalho foi imenso e o ritmo que nós imprimimos a ele foi intenso. O tempourgia. Encerrada a nossa parte, posso dizer:

Foi uma graça imensa a oportunidade de estar em contato com todo o material. Foi um jeito novo que o Senhor me ofereceu para preparar o Grande Jubileu dos 2000 anos do nascimento do Senhor Jesus. Se Francisco de Assis estivesse aqui, certamente nessa hora chamaria a MULHER CLARA, e com ela ajuntaria mais uma estrofe ao Cântico do Sol:

Louvido sejas meu Senhor, por nossas congregações femininas. Tua presença, nelas, mais clara se torna e teu amor, com mais ternura revelam.

Para mim, foi sentir o dinamismo do espírito brincando de aparecer de mil maneiras nos mais distintos carismas, tomando forma no jeito de cada família religiosa viver sua espiritualidade e manifestá-la em serviço à irmã e ao irmão.

Claríssimo ficou que o Concílio Vaticano II bateu na porta de todas as congregações e através de Medellín e Puebla, principalmente, elas se dispuseram a atender às solicitações da Igreja. A partir desses atos e fatos eclesiais, as Congregações não mediram esforços. Fiquei sensibilizada, emocionada, com o esforço, a busca a luta, os testemunhos de nossas coirmãs, nas mais variadas situações e campos de atividades. Disponibilidade, doação, sacrifício, heroísmo, alegria no meio de sofrimentos e regozijo nas conquistas pequenas ou grandes que alcançavam ou ajudavam o povo de Deus a conquistar. Em projetos como este, passa, seguramente, o caminho da refundação da vida religiosa que buscamos, o Sopro Divino que deu vida e forma ao que no “princípio era informe e vazio”.

Do meu coração brotam louvores, ações de graças, confiança e muita esperança. A vida religiosa é graça, é Dom, é fonte de bênçãos e vida para o Povo de Deus. Para o louvor de Cristo, ontem, hoje e sempre. Amém.”

IR. MARIA DE LURDES GASCHO, CF

No momento atual, nossos sonhos com relação ao projeto podem ser resumidos em:

- Desejar que seja levado a bom termo, perfazendo as fases da elaboração da história feita pelas mesmas religiosas (autoras e protagonistas).
- Encarecer a leitura teológica dessa mesma história na ótica feminina.
- Acolhida e reconhecimento por parte da Vida Religiosa.

Concretamente para a CRB:

- Buscar canais de revelação do grande tesouro recolhido através do trabalho das Congregações, como meio eficaz de ajuda no processo de refundação que estamos desejando. "Só existe história se algo de novo aparecer" (Timothy Radcliff, OP) e a nossa história é geradora do novo rosto da vida religiosa que queremos para os anos 2000.

Nosso Projeto transforma-se em Processo. Prossigamos com alegria, confiança, coragem e entusiasmo.

IR. ELZA RIBEIRO, PGAP

SER MULHER

DEUS TEVE UM SONHO ÚNICO, ESPECIAL.
SONHO, ENVOLTO EM BELEZA, CRIATIVIDADE, TERNURA.
SONHO QUE SÓ UM DEUS SABE INVENTAR.
E O SONHO SE CONCRETIZOU AOS OLHOS MARAVILHADOS
DA IMENSA CRIAÇÃO.
SURTIU, DE REPENTE, DA MENTE E CORAÇÃO DE DEUS,
A CRIATURA INTELIGENTE, MEIGA, PERFEITA,
CHAMADA MULHER.
MARAVILHOSA IDÉIA, FELIZ INVENÇÃO.
O MUNDO SORRIU.
SURTIU A MÃE DOS VIVENTES QUE GERA A VIDA,
COM AMOR E CARINHO, COM PACIÊNCIA E TERNURA.
SURTIU AQUELA QUE INTUI,
QUE HARMONIZA, QUE AMA E ACARICIA,
QUE EM TUDO IMPRIME CORAÇÃO.
FORÇA INCRÍVEL, CARISMA ESPECIAL.
IMBATÍVEL NO SEU CAMPO DE AÇÃO.
LIDERA, PLANEJA, ORGANIZA, EXECUTA.
CORAJOSA, SEGURA, PERSISTENTE, AUDAZ,
CONQUISTA ESPAÇOS, ABRE CAMINHOS,
REVELA O SEU POTENCIAL PODEROSO, IMENSO,
A SERVIÇO DO BEM, A SERVIÇO DA PAZ.
SER MULHER,
É GRAÇA ESPECIAL.
É TER NASCIDO PARA A VOCAÇÃO
DE NOBREZA, PARA A MISSÃO.
É DE GRANDEZA.
TER NASCIDO DO MAIS TERNO SONHO DE DEUS.

IR. CLÉOFA HOEPERS, DP



A Dignidade da Pessoa Humana e a CF-2000

FREI CRISTÓVÃO PEREIRA, OFM

A CF-200 tem como tema "DIGNIDADE HUMANA E PAZ" e como lema "NOVO MILÊNIO SEM EXCLUIDOS". O Texto-base é fruto da colaboração das Igrejas do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil): — Igreja Católica Romana — Igreja Católica Síria do Brasil — Igreja Cristã Reformada — Igreja Episcopal Anglicana do Brasil — Igreja Evangélica Luterana no Brasil — Igreja Metodista — Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Verdadeiro trabalho em mutirão tendo por objetivo *"levar ao encontro fraterno os cristãos, suscitar debates sobre as situações de vida do povo brasileiro e levar a ações conjuntas de resgate da dignidade humana ferida de muitas maneiras"*¹.

Na mesma apresentação somos advertidos de que não se trata de uma Campanha sobre ecumenismo. "Ela é ecumênica na sua coordenação e realização, sob a responsabilidade de várias Igrejas em parceria, coordenadas pelo CONIC. É importante deixar claro que não é a habitual Campanha da Fraternidade da Igreja Católica Romana, que outras Igrejas são convidadas a aderir. A CF-2000 é, de fato, algo surpreendentemente diferente"².

A correlação da CF-2000 com a abordagem ética, com o fundamento da declaração Universal dos Direitos Humanos, com os Direitos Naturais, como também com o processo educativo (ecologia mental), é real, concreta e imediata; conseqüentemente com a dimensão política, dimensão constitutiva do ser humano.

Pensando em tudo isso, julguei oportuno alinhar minhas anotações e esquemas de trabalho. Talvez possam eles ajudar para uma melhor percepção da temática em si e colaborar no processo educativo e operacional da CF-2000-Ecumênica.

Nesta reflexão faremos os seguintes passos: 1) os primórdios: Rumo a um novo paradigma; 2) definições de Pessoa Humana; 3) o mistério da Pessoa; 4) o "Além" e o "Aquém"; 5) os atos originais da Pessoa Humana; 6) o Homem: um animal político; 7) "Eu-sem-Nós"; "Nós-sem-Eu"; "Eu e Nós".

1. Cf. "Apresentação", Texto-Base, CF-2000-Ecumênica, p-10.

2. Ibidem. Introdução, p.11.

Como reação à modernidade, que teve seu início, no mundo da economia, com o capitalismo mercantilista e logo em seguida com os primeiros passos da revolução industrial e, mais perto de nós, com a revolução científico-tecnológica que tem a “razão instrumental” quase como que absoluta, surge a pós-modernidade com uma proposta paradigmática alternativa, o paradigma relacional, integrativo³.

No somatório de tudo, poderíamos dizer que estamos nos primórdios de uma nova revolução, a “Revolução Cultural”; já outros preferem denominá-la “Revolução da Cordialidade”, na qual a mulher terá, ou já vem tendo, um papel preponderante. Seria como se estivéssemos cansados de tanta razão e sássemos em busca de mais coração. Ou, então, como se carecêssemos mais de “sabedoria” do que de poder (razão-dominadora-exploradora) da Terra e do outro (Economia-Política).

É interessante observar que na Bíblia, a “sabedoria”, fonte de tudo o que existe, brota do coração de Deus e é representada pelo “Espírito”, e este tem uma conotação mais feminina do que masculina. No hebraico “ruah”, espírito, é feminino. Estamos como que resgatando a corrente filosófica que vem de Empédocle, Platão, Plotino, Sto. Agostinho e da escola franciscana medieval com S. Boaventura e Duns Scotus no século XIII; e, mais perto de nós, com Pascal, Schleiermacher, Heidegger e Scheller.

Tudo isso faz pensar porque, na pesquisa da revista Times, Francisco de Assis é apontado como uma das perso-

nalidades que mais marcou o século XX com a sua mensagem de “fraternura”, de “fraternidade e de sororidade”. Seria a substituição da “lógica da razão” pela “lógica do coração”. Assim “a dinâmica básica do ser humano é o “pathos”, o sentimento, o cuidado”⁴.

Faz pensar também em Che Guevara, quando afirmou que “temos que endurer sem, no entanto, perder a ternura”; ou, então, em Mariátegui com seu “romantismo social-revolucionário”, descoberto por ele entre os indígenas do Peru.

Nós mediterrâneos, mais precisamente, latino-americanos, sem esquecer a contribuição riquíssima dos companheiros africanos, temos uma contribuição especial a dar na reflexão e concretização de uma nova civilização, a civilização da convivibilidade que, em Política, chamamos de Socialismo Democrático-Plural-Popular.

Entre nós foi José Carlos Mariátegui quem deixou um legado precioso nesta direção, o qual, no momento, vem sendo resgatado. É o fazer Política com paixão, entusiasmo, cheios e movidos pela paixão do Deus de Jesus de Nazaré, o Deus dos pobres e excluídos que, na maneira popular de se fazer política, denominou-se “Inversão de Prioridades”, e, com isso vai-se implantando uma nova cultura política. É fazer política com o coração, mística, muita fé e ética. Mariátegui defende um “romantismo revolucionário”, muito a nosso jeito, de caráter coletivista, intimamente ligado à revolução social que se opõe ao “romantismo burguês”, intimista e individualista.

3. Reflexões e publicações sobre isso são abundantes, inclusive seus reflexos na Vida Religiosa. Veja-se tudo o que se tem publicado sobre “Refundação” da VR.

4. BOFF, Leonardo, 1999.

“A inteligência burguesa se satisfaz com uma crítica racionalista do método, da teoria, da técnica dos revolucionários. Que incompreensão! A força dos revolucionários não reside em sua ciência e sim na sua fé, sua paixão, sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do mito, a emoção revolucionária(...) é uma emoção religiosa. As motivações religiosas se deslocaram do céu para a terra. Elas não são só divinas, mas humanas e sociais”⁵.

No “Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint Exupéry: “o essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”. Do “cogito ergo sum” passamos para o “sentio ergo sum” (sinto, logo existo). Outra não seria a explicação do best-seller mundial de Daniel Golemann “A Inteligência Emocional”. Importa, segundo o autor, ser inteligente, culto, mas antes de tudo, ser capaz de estabelecer relacionamentos, facilitar a sinergia do grupo, desenvolver a capacidade de pensar, planejar e executar coletivamente, envolvendo a todos. De chefes, líderes, é mister que sejamos, preferencialmente, animadores, coordenadores, estimuladores do espírito de grupo, da co-responsabilidade. Os técnicos dos esportes coletivos, veja o vôlei, por exemplo, são muito sensíveis a isso. Os testes profissionais das grandes firmas exploram esta característica de seus funcionários.

Segundo Golemann, à base de investigações empíricas sobre o cérebro e neurologia, “a mente racional”, “leva um ou dois momentos mais para registrar e reagir do que a mente emocional: o impulso...é do coração, não da cabeça”⁶.

Não estaria aí a explicação quando afirmamos que “a mulher tem um sexto sentido”? Seu “desconfiômetro” seria mais apurado e sensível do que o nosso, homens? Ou, então, porque, como “machões” (patriarcalismo, convertido num verdadeiro “androcentrismo”), condicionados pelo inconsciente coletivo, abafamos a “anima”, a dimensão feminina, a mulher que habita dentro de cada um de nós, os homens? Foi Jung quem explorou o arquétipo “animus”, “anima” que mora em cada homem e em cada mulher.

Pulando para o mundo da Economia poderíamos dizer que o “o modo-de-ser-do-trabalho-exploração-dominação” é desumano, está em crise e sendo questionado e exigindo ser substituído pelo “modo-de-ser-do-trabalho-cuidado”. A busca de novas formas de organização do trabalho, em formas de cooperativas, onde todos são trabalhadores e proprietários simultaneamente, caminha nesta direção⁷.

Seria a transição do trabalho assalariado para o trabalho humano; como também o crescimento da margem de “trabalhadores autônomos”, que exercem sua atividade profissional no recinto de seu “habitat” doméstico sem precisar de bater o cartão, segundo seu próprio ritmo de trabalho e ter que enfrentar o deslocamento do lar ao local de trabalho, com perda de tempo e, às mais das vezes, estafante e estressante. Tudo isso além de abrir novas possibilidades de criatividade e de realização pessoal. Os avanços da tecnologia, principalmente, na área da informática, permitem esta transição e este avanço.

5. Cf. MARIÁTEGUI, José. El hombre y el mito. El Alma Matinal, 1925, p.18-22. Citado por Michael Löwi, “Marxismo e Romantismo”; in: Teoria & Debate, ano 12, nº 48-mal/jul99.

6. BOFF, Leonardo. 1999.

7. Cf. ARRUDA, Marcos. 1998.

uma realidade, uma situação que me induz ao silêncio, à contemplação, à acolhida silenciosa e gratuita porque contém uma dimensão que está aquém do meu eu enquanto "vontade de poder, de posse e dominação". Algo que está aquém do meu medir e calcular, de minha razão. Algo que ultrapassa nossos conceitos e categorias enquanto expressão de minha subjetividade, do poder dominador de minha razão (Ciência). Aliás, o mistério não cabe dentro de nossa fala, do nosso discurso, como o dissemos anteriormente. Na tentativa de verbalizá-lo, usamos uma linguagem diferente daquela do discurso analítico. Apelamos para o linguajar figurativo, florido da poesia, do mito, da saga, do sagrado, do religioso. Usamos o discurso intuitivo, a emoção-criativa do coração. Que o digam os poetas e os místicos quando tentam expressar o fogo abrasador que os queima por dentro!

Falamos de uma coisa misteriosa, isto é, de algo que escapa à nossa compreensão, ou que ainda não foi desvendado pela Ciência. Falamos também que tal pessoa, fulano, é uma "pessoa misteriosa", isto é, que não é transparente, não abre o jogo, não põe todas as cartas na mesa; como se tal pessoa sempre escondesse algo de si mesma, tivesse um lado que a gente não consegue captar e que ela, nas mais das vezes, faz questão de preservar. O que importa, creio eu, é perceber que a palavra "Mistério", no seu sentido original, conota algo de aberto ou que se pode abrir; algo de penetrável, uma possibilidade de abertura, de revelação; como também algo de infinito, incomensurável, grandioso, numinoso, transcendental. Algo que vai além de qualquer explicação racional. Temos, então, a dimensão dialética do Mistério enquanto abertura e recatamento, enquanto é algo de fascinante e de tremen-

do. Ele nos atrai, nos fascina, mas também nos intimida, apavora.

O Mistério seria como que uma realidade, uma situação que atrai e mete medo. Se ele me atrai é porque ele me envolve, me atinge, me engaja e me compromete na totalidade do meu ser e existir. É algo que me afeta, interessa e importa por inteiro e por dentro, na essência, na intimidade do meu ser. Por isso mesmo me atemoriza, apavora; sentimos, por vezes, medo de nos engajar, nos comprometer porque ele, o mistério, revela a verdade de que somos e para a qual somos interpelados, convocados. E a resposta não pode ser mentirosa, camuflada. No caso, estaríamos nos enganando a nós mesmos. E a resposta deve ser autêntica, verdadeira, minha, sua, nossa. E isso se dá somente num clima de amor e liberdade! Ele nos revela a verdade do nosso ser.

Os nomes como Deus, Transcendência, Tao, Selbat, Psiquê, Ser, são expressões e definições que a nossa vontade de dominação (Teologia, Filosofia, Psicologia), tenta aprisionar, domesticar, assegurar a não manipulação do Mistério. E, em vão. A Teologia Franciscana prima pela concepção da inefabilidade de Deus; por ser uma Teologia mais negativa do que positiva ao afirmar que perante Deus, o Ser dos seres, a atitude mais certa e sábia seria o silêncio, a contemplação, a acolhida gratuita. Francisco de Assis, na sua caminhada para descobrir o que Deus queria dele, fez a experiência dolorosa e purificadora do silêncio de Deus: "Senhor, que queres que eu faça?". Assim também acontece com os místicos. Fazem a experiência do silêncio de Deus, do "nada" de Deus. De Deus como o mais ocioso e inútil de todos os seres, com o qual não se faz barganha, não se negocia. Só então como que estão prontos para perceber o que Deus quer deles,

qual a vontade de Deus a seu respeito, sua verdadeira vocação. Para o teólogo franciscano é mais fácil definir Deus pelo que Ele não é do que pelo que pensamos que Ele seja.

Por outro lado, não podemos escapar do lado concreto, existencial do Mistério. De sua concretude e existencialidade. Todos nós, mais cedo ou mais tarde, hoje ou amanhã, com maior ou menor intensidade, passamos pela experiência do Mistério, ou melhor dizendo, somos surpreendidos, envolvidos numa situação, por uma realidade, um fato misterioso. É diante de tal experiência nos é impossível permanecer indiferentes, fugir, escapar. Seria como se a gente quisesse fugir de si mesmo.

O Poeta Novallis, um dos gênios do Romantismo, dizia: "o caminho do mis-

tério aponta para dentro". Com isto ele queria dizer que o homem traz o universo inteiro dentro de si e que a melhor forma de se vivenciar o mistério do mundo seria mergulhar dentro de si mesmo⁸.

Os exemplos para mostrar a concretude do Mistério deixam entrever que o Mistério não é o que está além do nosso ser; não é o estranho, o longínquo, o enigmático, o abstrato. Ele é, pelo contrário, o aquém, isto é, a referência mais íntima de nós mesmos. Fugir disso seria como que querer livrar-se de sua própria sombra, enquanto ela é a expressão de seu ser, de sua identidade. Seria como que querer fugir de sua própria imagem. Semelhante experiência me interpela, me provoca, me desafia a dar uma resposta, a fazer uma opção, a tomar atitude.

4. O "ALÉM" E O "AQUÉM"

O Mistério é a referência, a intimidade mais íntima da interioridade de nós mesmos. É o "íntimus intimo meo". Vamos encontrá-lo na referência mais profunda do eu⁹. O mistério está em nós, nós somos mistério para os outros. Na antropologia do Antigo Testamento, na assim chamada primeira Aliança, é revelado ao Homem que ele foi feito à "Imagem e Semelhança de Deus". Imagem pelo que é, pelo seu ser. Semelhança enquanto é vocacionado a ser, agir, existir na bondade, na gratuidade e liberdade de Deus, enquanto senhor de si e do mundo, seu ecônomo e administrador. Hoje preferimos falar em cuidar. Os Homens, como co-criadores, são chamados a cuidar, tomar conta uns dos outros e do mundo. É um ser "responsável", um ser "ético". Semelhante a

Deus enquanto é capaz de agir, amar livre e conscientemente.

Já no Novo Testamento, na nova Aliança, em Cristo e por Cristo, lhe será revelado que o Homem como filho de Deus é chamado a ser irmão de todos os homens e de todas as criaturas, um ser cósmico, vocacionado a organizar o mundo segundo o critério da fraternidade universal, que poderíamos chamar de "Adelfocracia", tão bem sintetizado por Francisco de Assis no Canto das Criaturas.

Ora, diante destas realidades, diante de nós mesmos, do outro, das criaturas, da Mãe-Terra, do universo como um organismo vivo, fazemos a experiência do grandioso, do fascinante, do numinoso, do imenso, do incomensurável, do infinitamente pequeno e do infinitamente grande. Numa palavra: do Mistério.

8. Cf. GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*, ed. Schwartz, SP, 1995, p. 375.

9. Cf. HARADA, Hermógenes. mimeo, CEFEPAL, 1979. MOUNIER, Emmanuel. 1963.

São várias as situações nas quais fazemos a experiência do mistério. Citemos algumas:

- **VIDA:** é muito mais do que uma simples definição química. É movimento, é dinamismo, é transformação, é crescimento, é matéria, é energia em alto grau de condensação? Sim, é tudo isso e algo que nos escapa, que não se explica. O Homem ainda não foi capaz de criar a vida; o que ele faz é criar e estabelecer condições para proteger, restaurar e prolongar a vida. Deus é a fonte da vida, a plenitude da vida. A epopéia da criação, narrada no livro do Genesis, fala que no meio do jardim Deus colocou uma árvore de cujos frutos Adão e Eva não poderiam comer, caso contrário, morreriam (Gn 3,3), numa clara alusão de que eles eram criaturas, seres vivos, portadores da vida, mas, não senhores e donos da vida. Não somos capazes de explicar o que é a vida, em última análise; mas, não podemos negar que somos seres vivos, e que sentimos seu borbulhar dentro de nós e fora de nós.
- **AMOR, AMIZADE:** O amor, a amizade só se explicam por serem dom, gratuidade. É por isso que não se "compra" o amor, a amizade; o amor não pode ser forçado, obrigado; a gente deve merecê-lo, tornar-se digno dele.
- **O BEM:** é sinônimo de perfeição, de algo acabado, realizado, maduro.
- **A LIBERDADE:** é antes de tudo um estado de espírito, um posicionar-se perante a si mesmo, perante os outros, perante os acontecimentos, perante Deus. Enfim, uma maneira de ser que nos é dada, mas que devemos lutar para chegar a possuí-la, ou melhor dizendo, merecê-la. É uma virtude, e como toda e qualquer virtude, além da graça, supõe esforço, treinamento, ascese, um querer consciente.
- **O CÉU:** faz pensar em paraíso, uma situação de paz, de alegria, de serenidade, de comunhão, de encontro. Uma situação onde tudo vai bem: os homens com Deus, os homens entre si, os homens com a natureza. É um estado de

felicidade total, onde reina o amor, onde tudo é festa!

- **O HOMEM:** um mistério, um projeto, como que uma flecha projetada em busca do infinito.
- **O OUTRO:** há um provérbio chinês que reza assim "deixa o outro ser outro, assim como você é também um outro diante do outro". É o próprio, o específico, o único e irrepetível de cada um. "Cada um é cada um", diz a sabedoria popular. "Cada qual é cada qual". "Lá em casa tenho cinco filhos, nenhum é igual ao outro, são todos diferentes como são diferentes os cinco dedos de minha mão", fala o homem do povo. A minha alteridade, o meu ser naquilo que o diversifica e o diferencia do outro. Emmanuel Levinas, filósofo, filho de pais judeus, na sua extensa obra notabilizou-se pelas suas análises e defesa da alteridade do outro, principalmente, na pessoa do pobre, com o qual se identificou Jesus de Nazaré.
- **MISTÉRIO DO OUTRO, DO GRANDE OUTRO, DE DEUS:** é a fonte da vida, do amor, da liberdade, do bem, o centro do céu, o criador de tudo, o mistério por excelência.
- **O MAL:** enquanto ausência, carência do bem, concreção do imperfeito, do inacabado, do decadente, do "verde".
- **O PECADO:** enquanto ruptura consciente do Projeto de Deus; enquanto abuso da liberdade, um fechar-se em si e sobre si, enquanto negação do outro, ausência do amor.
- **A MORTE:** negação da Vida, negação do Homem; imobilismo do nada, do não-ser, o vazio absoluto.
- **O INFERNO:** tristeza total, desespero, tédio existencial, infelicidade, maldade, tocaia, vingança, falsidade, ódio de si mesmo; é ausência total de bondade, de amor; de Deus, enfim.

Por estas concreções podemos intuir que o mistério faz parte do nosso ser, do nosso viver. Não está no além de nós mesmos; pelo contrário, faz parte do aquém do nosso ser e viver.

Vamos nos limitar aos assim chamados “atos originais da Pessoa”. Seriam eles como um termômetro. É uma maneira pela qual, você, eu, podemos constatar como está nosso processo de maturação humana, de nossa personalização. Seria um modo de averiguar o nosso avanço no processo de nos tornarmos gente, pessoas, cidadãos, seres politizados, responsáveis e construtores da própria “casa”, da “Pólis”.

5.1. “Sair para fora de nós próprios”.

Sair-de-si

É a capacidade que temos de nos descentralizar, de nos despojar para nos tornarmos disponíveis aos outros. É a ascese do despojamento, da renúncia de si mesmo, em prol do outro, numa atitude gratuita e amorosa. Na espiritualidade chamamos a isso de ascese, de mortificação, de penitência. Na verdade, só liberta os homens e o mundo aquele que primeiramente se libertou a si próprio. Antes se falava em luta contra o amor-próprio; já, nos nossos dias, prefere-se falar em egocentrismo, narcisismo, individualismo, seja individual, grupal, racional ou mesmo nacional, uma vez que o nacionalismo é uma manifestação doentia do amor à nação onde se nasceu, ou que se escolheu para sua morada política.

5.2. “Compreender”. Colocar-se no lugar, na pele do outro

Seria a capacidade de abrir mão do meu ponto de vista e me situar dentro do ponto de vista do outro, dos outros. Na “Dinâmica de Grupo” conhecemos exercícios pelos quais aprendemos a ouvir e não apenas escutar os outros. Aprendemos a desbloquear nossa tendência quase habitual de seguir o que o nosso ouvido seletivo nos impõe. Somos levados a

ouvir o que nos interessa e pouco escutar o que nos desagrada. É o exercício da aprendizagem do assim chamado “retorno”; afinar a capacidade de bem entender o outro e perceber se o outro nos entendeu. Seria como que captar com a minha singularidade a singularidade do outro, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. Paulo, no seu relacionamento difícil com os judaizantes serve de exemplo para todos nós. Compreensão sem dissolução. Compreender o outro sem se perder.

5.3. “Tomar sobre nós”. Assumir — Comprometer-se com

Assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros. “Sofrer na nossa própria carne”. O grego usa a expressão “Páthos” que significa moléstia, doença, mal, paixão, afeição. No nosso caso, acentua-se a dimensão de *sofrer com, ser simpático a*. Tratando-se de uma atitude humana, é esforço de uma luta consigo mesmo, de ascese pessoal, que me torna capaz de “sofrer” com, comungar com o outro, com sua caminhada, com seus altos e baixos, sucessos e reveses. O que vai muito além de um relacionamento “personalizado” para vender o “peixe” que os mestres da publicidade sabem fazer com refinamento. Basta observar um pouco as propagandas comerciais para perceber a diferença.

5.4. “Doar-se”

Segundo Mounier, a força interior, a “dinamis” de todo ato pessoal não está nem na reivindicação (individualismo pequeno burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas “na generosidade e no ato gratuito”. Numa palavra, na “dádiva sem medida e sem esperança de recompensa”. Platão deu-lhe o nome de

"philia", para significar o amor em si, o amor desinteressado. Paulo de Tarso, no final de sua vida, pressentindo sua condenação, em sua 1ª Carta aos Coríntios, nos deixou o seu hino à caridade (1Cor 13).

É o salto qualitativo rumo a uma "economia de dádiva", característica do ser pessoa que contrapõe e contrasta com a "economia da compensação ou do cálculo". É o modo específico de Deus ser Deus e de manifestar o seu amor (Mt 5-7). Ser generoso com tal limpeza de coração, a ponto de desarmar o outro quando este espera o contrário, isto é, rejeição, ser tratado como coisa indesejável. Há situações limites no relacionamento humano que só o amor, o perdão superam.

5.5. "Ser fiel"

Consiste na constância e na continuidade do amor, da amizade. Não se trata de repetição uniforme, padronizada. Estamos no nível do espiritual e não do material. Nós nos relacionamos e nos encontramos como sujeitos e não como objetos. Trata-se, portanto, de uma fidelidade criadora e inventiva. Ver e tratar o outro como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não o posso definir, nem classificá-lo, que ele é inesgotável, pleno de esperanças; numa palavra, é acreditar. Desesperar de alguém (não ter mais esperança em alguém), é desesperá-lo.

Nos atos originais da pessoa, há sempre uma reciprocidade dialética em duplo sentido. Primeiramente, no sentido de que o que vale para mim vale também para o outro e vice-versa. Há como que uma provocação recíproca, uma mútua fecundação. Quanto mais o outro se coloca como pessoa face a mim, mais sou convocado, provocado a me colocar como pessoa perante ele. E quanto mais sou capaz de me colocar como pessoa frente a ele, mais ele é convocado, provocado a ser e fazê-lo perante a mim.

Em segundo lugar é importante observar que estamos no mundo qualitativo de valores, de sujeitos e não no mundo quantitativo de objetos. Ora, a economia da pessoa é sutil e por demais preciosa. O perder-se, torna-se ganho. O discípulo de Jesus, aquele que se dispõe a tomá-lo como "Caminho", abre-se a esta economia da dádiva, da gratuidade, pela qual a perda se torna em ganho: Então Jesus disse aos discípulos: *"Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la"* (Mt 16,24-26). Procuremos entender o texto no conjunto de nossa reflexão: a "cruz" toma a conotação de ascese, de luta para libertar-se do individualismo, do culto de si mesmo, do narcisismo individual, grupal, corporativista, nacional e colocar-se contra uma "economia do ganho", do lucro, da acumulação; vem a ser libertar-se do "fermento" do neoliberalismo e de uma globalização competitiva e excludente e comprometer-se na instalação de uma sociedade alternativa, solidária, onde haja lugar para todas e todos possuam o mínimo necessário para viver dignamente como gente, pessoa, cidadão e como irmão.

Nesta ótica, em vez de a pessoa se esvaziar, de se empobrecer no exercício de tudo que é específico do ser pessoa (seus atos originais), dá-se o contrário. Há um processo de crescimento interior, de enriquecimento pessoal. Exemplificando: quanto mais me esforço para descentralizar-me, compreender, assumir, doar-me, ser fiel, mais cresço por dentro, cresço no ser, cresço como pessoa.

Transportando tudo isso para o mundo da Política, poderíamos dizer que a vocação por excelência do verdadeiro político é dar a sua contribuição generosa e desinteressada para o povo tornar-

-se mais povo, ele mesmo, sujeito de sua caminhada e construtor de sua história, administrador, zelador e cuidador de sua "casa", de sua "pólis". É torná-lo cidadão, fortalecer a Sociedade Civil, fonte e origem de todo e qualquer poder. É estar ciente de que o povo é o autor do poder, e o político, que não pode deixar de ser povo, ator deste poder. É participar da construção da soberania popular.

5.6. "O Homem: um animal político".

O primeiro questionamento que surge à mente poderia ser: em que sentido o conceito "política" pode definir o homem? A mesma questão pode ser posta de maneira diferente: como definir a pessoa em sua relação à sociedade e a sociedade em sua relação à pessoa? Como se dá esta relação?

Essa questão, colocada em sua radicalidade, se desdobra em outras questões mais particularizadas: como a pessoa se torna pessoa? Isto se dá repentinamente? Como o indivíduo se humaniza hoje em dia? Como no curso da evolução passou-se da esfera animal (biosfera), à sociedade humana (noosfera)? Em palavras mais simples: como além de indivíduo, um "Eu", ele se descobre como pessoa, em um "Nós", um ser político que vive na "Pólis" (família, clã, tribo, nação, estado, planeta terra, universo)?

No decurso da história foram se sedimentando várias concepções de "animal social". Historicamente, a definição de homem tomou sucessivamente dois conteúdos opostos, embora sejam reconciliáveis. Na tradição filosófica grega o homem é homem por sua relação específica a outros homens pela linguagem. Deste modo o homem é essencialmente relação, ser relacional, ser dialogal, um "ser-com", um ser que não apenas existe, mas, sobretudo, co-existe, um "ser-para".

Para Aristóteles o homem é animal político, ou ainda, animal dotado de "lógos", isto é, de linguagem, capaz de falar. "Lógos", com efeito, pode ser traduzido por "razão", uma vez que a palavra visa a inteligibilidade da linguagem. A tradução é menos feliz porque ela não deixa entrever de maneira imediata o caráter relacional da pessoa.

Na vertente marxista o homem é um animal que trabalha. Desde então o homem se definiu mais fundamentalmente por sua relação à natureza do que por sua relação aos outros homens. O Homem é um animal que transforma a natureza por seu trabalho e cria o que na antropologia se denomina Cultura. Na dialética Homem/Natureza, o Homem humaniza a natureza colocando-a a seu serviço, tirando dela o necessário para viver dignamente (economia). A natureza, uma vez humanizada, universaliza o homem, dando-lhe uma consciência de espécie (política). Com isso, para Marx, a economia vem em primeiro lugar. Antes de Marx, Hegel tinha insistido sobre o valor humanizador do trabalho. É o primeiro a colocar a relação entre cultura e trabalho. (Homem: um ser que trabalha — um ser cultural). O acesso a uma verdadeira humanidade passa pela luta pela satisfação das necessidades, para a sua sobrevivência: o trabalho. Traduzindo para os nossos dias, o grande desafio é recuperar a dimensão humanizadora do trabalho, transformando o "trabalho asalariado" em "trabalho humano"; o sistema cooperativista, no interior de uma sócio-economia solidária, é uma concretização histórica que deixa ver a viabilidade de sua realização.

Há dois níveis de exigências em termos de realização humana e de promoção de sua dignidade: o nível das necessidades e o nível da liberdade. O conceito de necessidades materiais faz pensar mais em eco-

nomia; já o de liberdade, em política. Ao invés de “pão e circo”, já praticado no tempo dos cézares e imperadores romanos, hoje se fala em “pão e beleza”. É bem conhecido o aforisma de Marx: “a cada um segundo as suas necessidades e a todos segundo o seu trabalho”. Para ninguém deve faltar “pão”, mas você terá mais lazer, cultura, “beleza”, segundo seu trabalho em prol de todos, para que não falte “pão” na casa de ninguém.

Outra vertente filosófica coloca o amor, a amizade, o “pathós”, como elemento constitutivo da sociedade. Esta vertente passa por Empédocles, Hegel, tendo suas raízes em Platão, Plotino, Sto. Agostinho, e, posteriormente, vai ser retomada pela escola franciscana como nos referimos anteriormente. Esta corrente filosófica que vê no “pathós” um dos elementos constitutivos do humano, encontra, em nossos dias, eco forte nos diferentes estudos sobre a simpatia e toda consciência ecológica nas suas mais variadas ramificações: ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental, ecologia integral.

5.7. “Do “EU-Sem-Nós” e Do “Nós-Sem-Eu” para o “EU-E-Nós”

A globalização competitiva tem seus limites além dos quais entra em crise, torna-se insustentável. Novas formas de assegurar a sobrevivência humana e de organizar a nossa “casa” (Economia-Política), vão sendo engendradas.

O título acima pode parecer um jogo de palavras, à primeira vista. Mas não o é. Seria antes uma tentativa de simplificar, de uma maneira pedagógica, um movimento histórico complexo da marcha da humanidade na descoberta e na concretização de seus sonhos e anseios mais profundos, no sentido de garantir sua sobrevivência e de se organizar politicamente de um modo mais humano e digno.

O “Eu-sem-Nós”, em termos de economia, corresponde ao sistema capitalista com o seu suporte político, o liberalismo (direito de propriedade — lucro-liberdade de mercado — seguridade dos contratos).

Já o “Nós-Sem-Eu” faz pensar no socialismo estatista, com a coletivização dos meios de produção (Economia), e o planejamento centralizado na figura do Estado absoluto e seu suporte político que é o Partido Único (Política).

O “Eu-E-Nós” é uma proposta alternativa às duas anteriores de organização da Sociedade (Economia-Política), calcada na pessoa humana enquanto indivíduo e Pessoa, respeitando sua singularidade e sua exigência de relationalidade. Pessoa humana como um “Eu” que apela e invoca um “Nós”, o qual, por sua vez, é um “Nós” que respeita e suscita a individualidade de cada um em termos de pessoas, empresas, regiões, nações, porque são partes de todos maiores. É nesta dialética includente, em que um não nega o outro, pelo contrário, supõe o outro como condição de sua realização, é que vamos superando o liberalismo individualista, anti-democrático e o socialismo estatista. Nas Ciências Políticas a discussão gira em torno do que se entende por Sociedade e por Estado e suas respectivas funções; como também sobre a Sociedade Civil e o exercício da cidadania ativa.

No meu entender o Estado como expressão e incorporação jurídicas da Nação é um mal necessário; assim como o Direito, fundamenta a Sociedade e torna possível a convivência social (“Ubi Societas, ibi Ius”, “onde há Sociedade, aí há o Direito”), aprendemos com os romanos. A razão de ser do Estado estaria em ser indutor do desenvolvimento, criador de condições para o estabelecimento da Sociedade Civil e do exercício da cidadania com a superação das desigualdades sociais.

Ora, se o Estado é um mal necessário, sua presença deve ser a mínima possível. O fortalecimento da cidadania e da Sociedade Civil faz com que o Estado, como poder legislador coercitivo, só tenha a se encolher. Quanto mais estruturada e organizada for a Sociedade Civil, maior será a sua força de se autogovernar, ser senhora de seu destino, de sua história. Há como que uma inversão de valores e de ordem: em vez de sermos governados pelo Estado (poder executivo-legislativo-judiciário), nós é que ire-

mos controlar o Estado, mas o sentido de fazer com que ele realize o que queremos e o de que precisamos enquanto pessoas, enquanto somos e constituímos um "Eu" e um "Nós". Teríamos o controle do Estado pela vontade popular e o instituto da soberania popular teria no sufrágio universal, no "referendum" e no plebiscito, instrumentos reais para se fazer valer. Seria a radicalização da Democracia como expressão da vontade popular instituída, organizada, com o poder político e econômico em suas mãos.

CONCLUSÃO

Nosso intuito ao escrever este texto foi colaborar para um maior conhecimento e aprofundamento do tema da CF-2000: "Dignidade Humana e Paz" — com nossas ponderações sobre a "Dignidade da Pessoa Humana", detectando, sobretudo, sua dimensão social-política. Caberia ao leitor confrontar um texto com o outro e tirar suas próprias conclusões. Nossa intenção foi, também, contribuir para uma maior operacionalidade do texto, no sentido da construção de uma Sociedade mais humana, por isto mesmo, mais digna e mais conforme a vontade do Pai, espelhado na práxis de Jesus de Nazaré. Será uma Campanha Ecumênica. Refletindo sobre o texto-base da CF, o leitor poderá ver que o passo inicial e

consensual para uma ação comum em prol da libertação de toda situação de exclusão, e da promoção da dignidade humana tem o viés do Ecumenismo Social, principalmente, na denúncia de situações que violem esses direitos, e na promoção de ações concretas na direção da atualização desses mesmos direitos. O texto descreve situações e propõe respostas alternativas na direção de sua superação, baseando-se em análises sócio-políticas, fermentadas e iluminadas com a Palavra de Deus. Cabe a cada um de nós fazer a sua parte, "pensando globalmente e agindo localmente", segundo o princípio básico que aprendemos com as conquistas e avanços que os apaixonados pela Ecologia nos legaram.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Reflita e discuta com a comunidade os "atos originais" da pessoa humana e a importância deles para a convivência humana e social.
2. Que pode ser feito no seu contexto de missão para que a dignidade da pessoa humana seja reconhecida, valorizada e respeitada?
3. Como ajudar a promover a paz nos vários níveis e dimensões da vida humana e da sociedade?

 FREI CRISTÓVÃO PEREIRA, OFM
Membro da Pastoral Política e do
Movimento Nacional da Fé e Política.
Professor de Política no INESP e na
FADOM (Divinópolis).

Endereço do autor:
Praça S. Francisco das Chagas, 195
Bairro Carlos Prates
CEP: 30710-350 — Belo Horizonte/MG
Telefone: (0XX31) 462-0836

8
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0

Ano de Graça: Restabelecer o Direito e a Justiça (Is 61,1-3)

SHIGEYUKI NAKANOSE, SVD

INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 31 de março de 1999 fui surpreendido com a trágica notícia: "Irmão de líder do MST é assassinado no Paraná — O agricultor Eduardo Anghinoni, 31 anos, irmão de um dos líderes do Movimento dos Sem-Terra (MST) do Paraná, Celso Anghinoni, foi assassinado anteontem, por volta das 21h30, em Querência do Norte, no noroeste do Estado. O MST afirma que o alvo do crime seria Celso, pois Eduardo não tinha envolvimento político na região"¹.

O impacto dessa notícia me fez voltar à década de oitenta, quando eu atuava na paróquia da cidade de Medianeira, no Paraná, onde a família de Eduardo participava ativamente nas pastorais das comunidades. Eduardo era membro do grupo de adolescentes. Celso, seu irmão, era membro da coordenação da Pastoral da Juventude e do MST. É difícil descrever o que se passou dentro de mim. Foi uma enorme perda... Alguém muito próximo foi arrancado brutalmente de nosso meio... A partir da minha dor, imaginei o que se passava no

coração dos seus familiares, amigos e companheiros/as das comunidades onde ele atuava como ministro da Eucaristia... Eduardo era o caçula de oito irmãos. Casado, estava com a esposa e o filho, morando com os pais para dar-lhes assistência e escapar do aluguel. No sonho de conseguir casa e terra para plantar, recentemente havia se integrado ao MST, no noroeste do estado.

A população de Querência do Norte, cidade do noroeste do Paraná, presencia continuamente a violência e a brutalidade das instituições governamentais contra o MST. Ao mesmo tempo esse povo testemunha o sucesso da organização dos assentados com sua produção organizada, centralizada e comercializada através da sua cooperativa, a Coana — responsável, em 1998, por uma arrecadação de ICMS equivalente a quase um salário mínimo por habitante². Essa é uma das áreas, onde os sem-terra assentados estão tentando se organizar a partir da solidariedade e da justiça...

1. "Irmão do líder do MST é assassinado no Pr", O Estado de São Paulo, 31/03/99, caderno A, p. 10.

2. José ARBEX JR., "Terror no Paraná" — especial. In: Caros Amigos, nº 27, junho de 1999, p.13.

Na ausência da prática da justiça e do direito cresce a consciência de que a realidade precisa ser transformada; brota o sonho e a esperança da intervenção de Deus para mudar o rumo da história. Mas essa transformação não se dá num passe de mágica. Deus age através dos acontecimentos, de pessoas concretas, da nossa prática e das metas que estabelecemos para que algo novo aconteça.

Considerando a distância de tempo e de espaço, podemos dizer que na época de Jesus a situação do povo, sobretudo na região produtiva da Galiléia, era semelhante ao que vivemos hoje no Brasil. Jesus vê a dor do seu povo e, retomando Is 61,1-2, proclama o ano jubilar: *O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos*

pobres, (...) a proclamar o ano de graça de Iahweh (Lc 4,18-19). Em Jesus se cumpre essa profecia. Ele é o hoje de Deus (Lc 4,21). A sua presença e a sua prática são o anúncio e a realização do Reino de Deus presente entre nós.

E para nós, religiosos e religiosas, o que significa o ano jubilar em nosso contexto concreto de América Latina? Como estamos ajudando a preparar e a celebrar a chegada do ano 2 000?

A fim de ajudar nessa busca de abrir caminhos para que se concretize, aqui e agora, o sonho do *ano da graça*, escolhemos como texto de reflexão Is 61,1-3. Pois o mesmo Espírito que ungiu e enviou o mensageiro de Iahweh a proclamar a Boa Nova aos empobrecidos, ungiu e acompanhou Jesus na concretização dessa missão e nos envia hoje para continuar essa desafiadora tarefa.

CONTEXTUALIZANDO IS 61,1-3

Primeiramente vamos situar Is 61 dentro do livro atribuído a Isaías. Uma leitura fluente desse livro nos mostra situações históricas de épocas e lugares diversos. Olhando um pouco mais de perto as pessoas e os grupos que aparecem no texto, a linguagem, os nomes dos reis, dos lugares e outros dados, encontramos, pelo menos, três livros diferentes:

Os capítulos 1 a 39 constituem o assim chamado Primeiro Isaías, escrito em sua maior parte em Judá, pela comunidade do profeta Isaías. Esse texto abrange o período histórico de 740 a 701 a.C. Os capítulos 40 a 55 formam o livro conhecido como Segundo Isaías ou *Isaías Júnior*. Seu autor é do tempo do exílio na Babilônia, por volta de 550 a.C.

Já os capítulos 56 ao 66, onde se situa o nosso texto de reflexão, compõem o

terceiro livro ou Terceiro Isaías. Este livro foi escrito para sustentar a esperança do povo de Judá no momento de crise do pós-exílio, em torno do ano 500 a.C. No Terceiro Isaías, bem como em Isaías (24-27), Ezequiel (1-3; 9; 26-27; 37-48), Joel e Zacarias encontramos os primeiros esboços da literatura apocalíptica³, cuja linguagem transmite esperança de uma transformação imediata da realidade por intervenção divina: *Pois, olhe para mim, vou criar novos céus e nova terra* (Is 65,17).

A literatura apocalíptica do Antigo Testamento surge quando a elite sacerdotal de Judá assume a tarefa política e coopta a palavra profética (Ez, Ag, Zc, Ml). A partir daí, a profecia foi desaparecendo e dando lugar à literatura apocalíptica, que floresceu, sobretudo du-

3. J. PRÉVOST, *Para leer El Apocalipsis*, Estella, Editorial Verbo Divino, p.55.

rante o domínio dos gregos (333-167 a.C.), dos macabeus (167-63 a.C.) e dos romanos (63 a.C.-135 d.C.), e está presente no Novo Testamento, pelo *Apocalipse sinótico* (Mc 13; Mt 24; Lc 21) e pelo livro do Apocalipse.

Os textos apocalípticos são mensagens de esperança para o povo de Deus oprimido por suas elites políticas e religiosas e perseguido pelos grandes impérios. Sentindo-se impotente diante dos problemas da vida nacional e internacional, o mensageiro assume o lugar do profeta e anuncia a realização da vontade de Deus instaurando seu reino num futuro próximo (Is 65,17 — 66,4). Com isso, ele quer consolar e fortalecer o povo, ajudando-o a encontrar caminhos para enfrentar a opressão no momento presente (Is 66,5-24). Para compreender a passagem da profecia para a apocalíptica é necessário que tenhamos presente os acontecimentos da época do exílio do povo de Judá para a Babilônia e seus efeitos na vida cotidiana do povo.

Quando Nabucodonosor, imperador da Babilônia, invadiu Judá pela segunda vez, em 587 a.C., levando preso o rei Sedecias, Judá perdeu, de uma vez por todas, a sua condição de Estado *independente* e passou a ser colônia da Babilônia. Em 539 a.C., Ciro, rei persa, assumiu o controle da Babilônia. Esse rei permitiu a volta dos exilados (Esd 1,1-11) e determinou a reconstrução do Templo, dando inclusive ajuda material para as obras (Esd 6,1-12). Isso aconteceu porque o Império Persa tinha interesse na reorganização do povo por dois motivos: para colocar um povo aliado na fronteira com o Egito, como *testa de ferro*, e para conseguir tributo.

O imperador da Pérsia não unificava suas conquistas pela imposição de sua própria religião. Nesse sentido, ele respeitou o deus Marduc, da Babilônia, e o Deus Iahweh, de Judá, bem como os vários cos-

tumes religiosos locais. Mas isso era uma pseudo-liberdade. Na realidade não havia liberdade econômica, nem política. As províncias persas eram divididas em satrapias, governadas por um sátrapa, escolhido pelo rei entre os nobres. O governo persa controlava os sátrapas através de um forte poder central, com um eficiente sistema de fiscalização constituído de pessoas de confiança do rei. A principal atividade do sátrapa era coletar e enviar ao imperador persa o tributo anual da província, que normalmente era pago em metais preciosos e em espécies. Nesse sentido, os templos das províncias dominadas eram espaços privilegiados para esse serviço ao Império.

O grupo que voltou da Babilônia, a chamada *golá*, comandado pelos sacerdotes sadoquitas com ajuda econômica da Pérsia para reconstruir o Templo, encontrou muita resistência da população local (Esd 4). Os samaritanos, habitantes de Samaria, que dominaram grande parte da região de Judá no período do exílio, não queriam perder sua hegemonia (Ne 3,33-37). Os camponeses ou pobres da terra, que haviam ficado no interior de Judá e tinham seu jeito popular de se organizar e celebrar sua vida, eram também contra a reconstrução do Templo (Is 66,1-2), meio da elite religiosa e da Pérsia sugar tributo. Para eles a prática da justiça era o verdadeiro culto (cf. Is 58,1-10).

Por volta de 515 a.C., o Templo foi inaugurado. A situação do povo continuou piorando sempre mais. Josué, o sumo sacerdote, assumiu no lugar do rei o controle da comunidade (Zc 6,11). No livro de Malaquias, os sacerdotes levitas, marginalizados e excluídos da participação no culto, denunciam a corrupção dos sacerdotes dirigentes, aliados do Império Persa, que controlavam o Templo, usando-o para explorar o povo (Ml 1,6 — 2,9).

Nesse contexto de pós-exílio temos Is 61,1-3, onde o profeta é ungido para

proclamar a mensagem de libertação e esperança e anunciar o *ano da graça* como o sonho utópico da transformação da realidade a partir dos pobres. Assim diz Is 61,1-3: *O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar o ano de graça de Iahweh e o dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os aflitos, a fim de dar-lhes um diadema em lugar de cinza e óleo de ale-*

gria em lugar de luto, uma veste festiva em lugar de um espírito abatido. Chamar-lhes-ão carvalhos de justiça, plantação de Iahweh para a sua glória.

Vamos entrar em contato com esse texto de esperança, procurando contemplar atentamente a sua linguagem e o seu significado na tentativa de descobrir: o que levou o mensageiro de Iahweh a proclamar o *ano de graça*? Quem é esse mensageiro? O que significa *ano da graça* para ele e para o seu povo? E o que tudo isso tem a dizer para nós, religiosos/as, hoje?

COMENTANDO O TEXTO DE IS 61,1-3

O texto de Is 61,1-3 se abre com a palavra *Espírito*, em hebraico, *ruah*. Conforme Is 32,2, *ruah* significa *vento* e associado ao nome de Deus tem o sentido de sopro vital, capaz de criar e recriar. Em Gn 1,2 temos: *Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas. É o sopro de Deus, a força do seu Espírito que possibilita a vida, a criação do ser humano (Gn 6,3) e de todos os seres: Escondes tua face e eles se apavoram, retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra (Sl 104,29-30).*

Em alguns textos dos livros históricos e proféticos, a palavra *ruah* acompanha o evento da unção de uma pessoa, indicando a infusão do espírito de Deus (Is 11,2) para que ela profetize (Is 42,1; 59,21; Ez 2,2); anuncie (Mq 3,8); admoeste (Zc 7,12; Ne 9,30). Em Is 61,1 o Espírito de Deus plenifica o seu mensageiro para que ele anuncie *a boa nova aos pobres*. Esta *boa nova* é o *ano de graça*: restabelecer o direito e a justiça, fazer acontecer uma nova criação.

A missão do profeta ou mensageiro é anunciar a boa nova. Expressão semelhante encontramos em Is 40,9; 41,27 e

52,7: *Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: "O teu Deus reina".* O livro dos Salmos também enfatiza a missão de anunciar a justiça (Sl 40,10), de dar boas notícias (Sl 68,12).

Essa *boa notícia* é dirigida, especialmente, aos pobres e aos quebrantados de coração. A Bíblia hebraica tem vários termos para designar o pobre. Em Is 61,1, o termo usado é *'anaw*, que tem a mesma raiz de *'anî*. Em geral, esse termo aparece em textos jurídicos. Por exemplo: *Se emprestares dinheiro a um compatriota, ao indigente que está em teu meio, não agirás com ele como credor que impõe juros (Ex 22,24; cf. Lv 19,9-16).* O livro do Deuteronômio (24,10-13) completa e aprofunda essa reflexão, insistindo para o credor não tomar o manto como penhor da dívida do pobre.

Portanto, não se trata exclusivamente de uma pobreza espiritual, mas sobretudo de uma condição social, que necessita de proteção da Lei. A palavra *pobre* aparece com frequência na literatura profética e nos Salmos (Am 2,7; Is 3,14; 62,2; Sf 2,3; Sl 9,13), normalmente vem no plural seguida de outros si-

nôimos como indigente, fraco, etc. (Dt 15,11; Am 8,4; Is 10,2; Sf3,12; Sl 82,3). Os pobres, no Antigo Testamento, são os empobrecidos, que pelo fato de existirem denunciam uma sociedade que não pratica a Lei. Quem eles/elas representam em nosso texto?

Como despossuídos da terra, dos bens, esses pobres representam todos os quebrantados de coração, os aflitos que estão numa situação de penúria. A situação vivida por eles e elas exige mudança radical. O mensageiro anuncia esta mudança proclamando o *ano de graça*. Trata-se do *ano jubilar* em que se devia perdoar as dívidas, restituir as terras, libertar os escravos, conforme Ex 21, Dt 15.

A *proclamação do ano de graça de Iahweh* vem junto com a *proclamação do dia de vingança do nosso Deus*, que é o mesmo que *dia de Iahweh*. Esta expressão é muito freqüente na Bíblia e remonta às origens do povo de Israel, que no meio de suas lutas experimentou a intervenção de Iahweh libertando-o dos inimigos (Js 10,8-15). O tema do *dia de Iahweh* foi retomado em diversos momentos da história de Israel, sobretudo nos textos proféticos, com diferentes conteúdos (Am 5,18; Jr 50,18-27; Ab 15). No pós-exílio, vários grupos releeram essa experiência da intervenção de Deus numa perspectiva universalista. Para eles o *dia de Iahweh* se torna o grande dia de julgamento, onde Deus vai separar os justos dos injustos (Mt 3,19-23). Nesse contexto podemos situar a mensagem de Is 61,2 e 63,4.

O mensageiro vê a situação de abuso, de violência, de uso injusto das leis e proclama a intervenção de Deus para mudar os rumos da história. O povo aflito, enlutado precisa de consolo e estímulo para enfrentar a situação e transformá-la. Consolar e confortar são verbos que aparecem com freqüência na Bíblia, sobretudo na literatura exílica e

pós-exílica (Is 66,13; Zc 1,17; Ez 14,23; Rt 2,13; Jó 2,11). Encontramos a mesma mensagem em Isaías 40,1-11, dirigida ao povo que sofria o cativeiro na Babilônia.

O final do versículo 3, de Is 61, com uma simbologia reforçada por contrastes, aponta o resultado da mudança de situação: *diadema* em lugar de *cinza*; *óleo de alegria* em lugar de *luto*; *veste festiva* em lugar de *um espírito abatido*. A palavra *diadema*, que significa *tiara* ou *turbante*, aparece no versículo 3 e no versículo 10, emoldurando o texto. Em hebraico, a raiz dessa palavra é a mesma do verbo *pa'ar*: *glorificar*, *adornar*, que é usado sobretudo pelo Terceiro Isaías, para falar da alegria de Israel pela ação salvífica de Deus na história do povo (Is 60,7; 61,3; 62,3; 63,12).

O efeito da ação salvífica de Deus na vida do povo o torna digno de ser chamado: *carvalhos de justiça*, *plantação de Iahweh* (v.3). Ora, *carvalho* é uma árvore frondosa que resiste a séculos (Gn 35,4; Jz 4,11; 2Sm 18,9). A palavra *carvalho*, em Is 61,3, aparece ligada ao termo *justiça*. Conceito que percorre toda a Bíblia. O termo *justiça* designa o próprio ser de Deus: *Mas Iahweh espera a hora de poder mostrar-vos a sua graça, ele se ergue para mostrar-vos a sua compaixão, porque Iahweh é um Deus de justiça: bem-aventurado todo aquele que nele espera* (Is 30,18; cf. Is 59,17).

Isaías 61,3 traz um grande sonho: o povo será chamado *carvalho de justiça*, *plantação de Iahweh para a sua glória*. *Plantação de Iahweh* é uma expressão comum nos textos de Isaías, Jeremias e Ezequiel para se referir ao povo de Deus (Is 60,21; Jr 11,17; Ez 17,7). Se a vida do povo for expressão de justiça, Deus será glorificado, porque a glória de Deus é o bem do povo (Is 46,13; 58,8).

Quem é esse mensageiro ungido pelo espírito para anunciar a boa nova que

alimenta os sonhos dos pobres? Para responder a esta questão precisamos ver Is 61,1-3 no contexto do livro do Tercei-

ro Isaías (56-66) e especificamente dentro do capítulo 61,1-11. Vamos dar mais esse passo?

ALARGANDO A VISÃO DO CONTEXTO DE IS 61,1-3

Conforme a maioria dos exegetas, os textos de Is 56 — 66 constituem um conjunto de poemas ou oráculos independentes colecionados por um redator que os organizou de maneira concêntrica, colocando o capítulo 61 como eixo⁴, dando-nos a entender que esta era sua preocupação principal: **PROCLAMAR A SALVAÇÃO PARA OS AFLITOS**. Esta maneira de organizar o pensamento, onde as idéias são colocadas paralelamente, destacando-se a idéia central, é chamada de quiasmo.

Como o conjunto do Terceiro Isaías, o capítulo 61,1-11 também está organizado em forma de quiasmo, ressaltando sua proposta fundamental que é identificar o mensageiro:

- Os vv. 1-3: introduzem o capítulo com a palavra do mensageiro e a sua missão: anunciar o *ano de graça*. O sujeito desse conjunto de versículos é o pronome eu. Mas, de quem se trata?
- Nos vv. 4-5, o povo é convocado a concretizar o *ano de graça* reconstruindo a nação a partir da casa. Aqui o sujeito passa da primeira pessoa para a terceira: eles.
- Os vv. 6-7 identificam o mensageiro: Quanto a vós, sereis chamados sacerdotes de Iahweh; sereis chamados ministros do nosso Deus.
- Os vv. 8-9 fazem paralelo com os vv. 3-4, onde Iahweh se apresenta como a fonte do direito e da justiça, ou seja, a fonte do *ano de graça* e promete resta-

belecer a aliança com o seu povo. Novamente o sujeito está no pronome eles.

- Os vv. 10-11 também fazem paralelo com os vv. 1-3. O sujeito volta a ser o pronome eu. Enquanto nos versículos 1-3, o mensageiro anuncia a sua missão, nos vv.10-11 o mensageiro implode num grito de alegria pelos sinais de realização do *ano de graça*: *a terra faz brotar a sua vegetação e o jardim faz germinar as suas sementes*.

Nos vv. 1-3 o mensageiro se apresenta dizendo que foi ungido e enviado para anunciar a *boa nova* e proclamar o *ano da graça*. O sujeito é o pronome eu. Mas esse eu só é identificado nos vv. 6-7, que por sinal estão no centro do texto. Trata-se do sacerdote, ministro de Iahweh. Fazendo paralelo com o v. 1, no v. 10 o mensageiro cheio de alegria retoma a palavra para glorificar a Iahweh, criador e recriador do ano da graça. Portanto, uma visão geral do conjunto do capítulo nos aponta quem é o mensageiro de Iahweh. Mas, para identificarmos o que o levou a proclamar o *ano de graça* vamos fazer uma aproximação mais atenta do texto para perceber o seu movimento interno.

Observando o desenrolar de Is 61,1-11, é possível perceber ainda um jogo de palavras e expressões que se opõem, indicando-nos o movimento do texto ou o conflito aí existente. Destacamos os seguintes contrastes:

Libertação	X	prisioneiros
Consolar	X	enlutados
Diadema	X	cinzas
Veste festiva	X	espírito abatido

4. Para aprofundar este assunto leia: N.K.GOTTWALD. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 472.

Alegria	X	luto
Habitaraõ casas	X	casas desoladas dos ancestrais
Amo a justiça/direito	X	detesto o roubo e a injustiça
Gritos de jubilo	X	humilhação

Essa situaçãõ conflitiva, fruto do empobrecimento, é um apelo à mudançã que deve acontecer pelo restabelecimento da lei da prática da justiça e do direito. Isto exige destruiçãõ do sistema corrupto vigente, criaçãõ de novas relações sociais e religiosas a partir da *casa*, da prática da lei de defesa do pobre, do órfãõ, da viúva e do estrangeiro (Dt 24,19-22). Ou seja, a proclamaçãõ do *ano de graça*, o sonho apocalíptico de esperançã. O agente des-

sa transformaçãõ é Iahweh, cujo nome é citado nove vezes nesses onze versículos. Ele, o Deus que *ama a justiça e o direito e odeia a injustiça* (Is 61,8), unge, consagra e envia seu mensageiro, *sacerdotes e ministros* para anunciar o *ano de graça*. Mas, no contexto do Terceiro Isaías, quem é esse mensageiro, sacerdote e ministro, encarregado de anunciar a *boa notícia* aos pobres? A que grupo pertence e de quem ele/ela é porta-voz?

SEREIS CHAMADOS MINISTROS DE NOSSO DEUS

Para identificarmos quem é o mensageiro da *boa notícia* necessitamos aprofundar as palavras: *sacerdote* e *ministro*. A palavra sacerdote, em hebraico *kohen*, tem raiz desconhecida. O seu sentido mais comum é *ministro das coisas sagradas*, especialmente ações ligadas ao culto como é o caso de Melquisedeque (Gn 14,18) e Jetro (Ex 18,12). No início da história de Israel, o culto era presidido pelos chefes de família (Gn 8,20). Provavelmente, as mulheres também exerciam funções ligadas ao culto (Gn 31,19; Ex 4,25). Isso nos indica que o sacerdócio não era uma função de especialistas e o sonho era que todo o povo se tornasse sacerdote do Senhor (Ex 19,6).

Na formaçãõ do povo de Israel, os sacerdotes levitas aparecem liderando o grupo do Êxodo e a ocupaçãõ da terra de Canaã contra as cidades-estado. São eles que ajudam o povo a se organizar em tribos e a formar a sociedade igualitãria mantendo o espírito e a prática da solidariedade na defesa do pobre, do órfãõ, da viúva e do estrangeiro (Dt 15,1-18). O levita é um tipo de pregador itinerante, que ensina a tradiçãõ e exerce o ofício de sacerdote, presidindo o culto nas casas

(Jz 17,7-13). No decorrer da história, os santuários como Dã (Jz 18,19-20), Silo (1Sm 1-3) ganham importãncia. Nesses santuários as famílias levíticas prestavam um grande serviço ao povo, mantendo a sua unidade ao redor do culto, das celebrações e do ensino da Lei (Dt 24,8).

Com o surgimento da monarquia, os levitas começãõ a ter problemas com os reis. O primeiro rei, Saul, os perseguiu e massacrou em Nob (1Sm 22,6-23). Alguns conseguiram fugir, entre eles Abiatar. Abiatar e seu grupo continuaram atuando durante o reinado de Davi, porém, o representante oficial da religiãõ era Sadoc, sacerdote da cidade-estado (2Sm 8,17; 20,25). Salomãõ, ao ocupar o trono, eliminou os remanescentes tribais que lhe faziam oposiçãõ e expulsou Abiatar para Anatot (1Rs 2,12-34), pequena aldeia ao norte de Jerusalém, que mais tarde se tornou o reduto do grupo de Jeremias (Jr 1,1). Assim sendo, a chance dos levitas ficou praticamente restrita ao interior, uma vez que em Jerusalém Salomãõ confirmou Sadoc no cargo de sacerdote-chefe do Templo (1Rs 2,35).

Nesse contexto podemos destacar, entre outros (1Rs 12,31), dois tipos de sa-

cerdotes: os levitas, portadores da tradição tribal, que atuavam sobretudo no interior do Sul (Judá) e nos santuários tribais do Norte (Israel) e os sadoquitas, que apoiavam a monarquia davídica e controlavam o Templo de Jerusalém, no Sul.

Mais tarde a centralização do culto promovida por Josias (640-609 a.C.), confirma o monopólio do Templo nas mãos dos sacerdotes sadoquitas e a destituição dos sacerdotes levitas do interior (2Rs 23). Esses tinham duas opções: ou vir para a cidade e se tornar clero de segunda categoria, ou permanecer no interior sem exercer cargos, inclusive correndo o risco de serem mortos (Dt 13,1-19).

Provavelmente, muitos dos que ficaram no interior, fazendo resistência, se integraram ao grupo de Jeremias e, mais tarde, no pós-exílio (500 a.C.), ao grupo do Terceiro Isaías (Is 56-66). Enquanto os que assumiram a opção de ir para o Templo de Jerusalém se tornaram a oposição formal ao grupo dominante dos sadoquitas, aliados do Império Persa opressor. O livro de Malaquias reflete esse confronto entre os sacerdotes sadoquitas e os sacerdotes levitas a quem denomina: *mensageiros de Iahweh dos Exércitos* (Ml 2,7)! Em Is 61, esses sacerdotes levitas são ao mesmo tempo os ministros de Deus.

O termo ministro significa assistir, prestar serviço, exercer ministério. Este termo é usado para falar de alguém que

está a serviço de outrem. Por exemplo: Josué, o servidor de Moisés (Ex 24,13; Js 1,1). Há também o sentido de criado, ajudante ou servo (2Sm 13,17-18; 1Rs 10,5). Nos livros proféticos, esta palavra aparece ligada à função sacerdotal somente duas vezes. Em Is 61,6 e em Jr 33,20-21: *Assim diz o Senhor: Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia e a minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia nem noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono, como também com os levitas sacerdotes, meus ministros.*

Nesse texto os levitas são chamados de sacerdotes e ministros, com os quais Iahweh faz uma aliança gratuita e estável como o transcurso do dia e da noite (Gn 9,12-16); como a sucessão das gerações (Sl 45,17). O Salmo 103,21 convida a louvar a Deus e os seus exércitos todos, ministros que cumpris a vontade de Iahweh. Esses mensageiros ou ministros são caracterizados como aqueles que temem a Iahweh e obedecem à sua Lei (Is 66,2; Sl 25,12-14). Eles devem convocar os empobrecidos/as para assumir juntos a missão de agentes transformadores e construtores da história (Is 61,4).

Que tipo de lei é essa que estabelece o *ano de graça* para os pobres e aflitos de coração? Como e quando nasceu essa lei? Enfim, o que significa *ano da graça*?

ANO DA GRAÇA

A semente das leis mais antigas de defesa do pobre certamente nasceu na terra fértil da vida das famílias, clãs e tribos, no período pré-estatal (Ex 23,3.6.11). O espírito dessas leis é fruto da experiência de escravidão, pobreza, miséria, simbolizada pelo êxodo (Dt 24,18.22), na qual o povo, no meio de seu sofrimento, clama a Deus, que ouve o seu clamor e *desce para libertá-lo* (Ex 3,8).

Deus, na gratuidade do seu amor, não só liberta como faz Aliança com esse povo pobre, fraco e maltratado (Ex 19,1-25). Essa experiência de pobreza, libertação e Aliança cria no povo uma grande sensibilidade para com os pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros (Dt 14,28-29) e um profundo espírito de gratidão para com o Deus vivo e libertador, presente em sua vida (Ex 3,14-15).

Quando o povo começa a formar uma nova sociedade, esse espírito está presente em sua maneira de viver. A sua convivência caracteriza-se pelo empenho em formar uma organização igualitária, descentralizada e pautada pela prática da justiça (Dt 15,1-18). Nesse novo tipo de organização, ele procura incluir a todos. O ideal da nova organização comunitária transparece em textos do Deuterônômio. Por exemplo: *abre a mão em favor do teu irmão, do teu humilde e do teu pobre em tua terra* (Dt 15,7.9.11). O texto mostra que a fidelidade ao Deus da Vida exige compromisso com aqueles e aquelas que por algum motivo estão privados da vida. A memória da situação de escravidão e do ato libertador de Deus é expressa em leis ou mandamentos que ajudam o povo a viver a Aliança (Dt 15,15).

No decorrer da história de Israel essas leis foram relidas e reescritas em resposta a novas situações. Profetas do século VIII, como Amós, Isaías e Miquéias denunciaram a violenta situação de corrupção, injustiça e expropriação de terra, sinais evidentes da ausência da prática do direito do pobre, e ao mesmo tempo anunciam a ruína dos opressores: *E eu digo: Ouvi, pois, chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel! Por acaso não cabe a vós que odiais o bem e amais o mal, que lhes arrancais a pele e a carne de seus ossos? Aqueles que comeram a carne de meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela e como vianda dentro do caldeirão* (Mq 3,1-3; cf. Am 2,6-16; Is 5,8-10).

Nessa situação de injustiça e violência as leis tribais foram relidas e ampliadas em defesa dos empobrecidos e endividados. Entre essas leis podemos destacar as leis sobre o ano sabático

contidas nos textos como Ex 21,2-11; Ex 23,10-11; Dt 15,1-4.

Ex 21,2-11 aproveita a lei de descanso da terra e a aplica às relações entre as pessoas para exigir a libertação de escravos e escravas a cada sete anos e estende essa lei a todo povo de Israel. O problema concreto era a escravidão por dívida em consequência das relações econômicas entre cidadãos livres. Isso acontecia da seguinte forma: um camponês em dificuldade pedia empréstimo ao outro. Como garantia colocava a sua terra como penhor. Por causa dos altos juros a sua dívida aumentava cada vez mais. Na hora do acerto, os tribunais, que quase sempre eram corruptos, se deixavam subornar e favoreciam os grandes proprietários, colocando os devedores na dependência dos seus credores, como nos relata o profeta Amós (Am 5,10-12; 8,4-6) e Provérbios 22,7: *O rico domina os pobres, o que toma emprestado é servo do que empresta.*

O livro do Êxodo 23,10-11 afirma a necessidade e o direito de as pessoas trabalharem a terra e colherem seus frutos. Mas no sétimo ano a terra deve descansar. Ou seja, ficar livre de produzir. A terra é parte da grande obra criadora de Deus. Deve ser usada, mas não explorada. A proposta fundamental dessa lei é favorecer os pobres do povo que podem se saciar livremente daquilo que a terra produz no seu ano de descanso, através das sementes que nela ficam. Com certeza, por trás dessa prescrição está a antiga lei do *direito do pobre de respigar* (Dt 24,19-22). A lei do descanso da terra, contida no Deuterônômio, quer também proteger a vida dos animais selvagens, oferecendo-lhes a abundância da natureza. É uma lei profundamente ecológica!⁵

5. A lei de descanso da terra é retomada pelo livro Levítico 25,1-7, junto com o ano jubilar. Mas aqui o enfoque é totalmente outro. A preocupação fundamental da lei não é a terra e os pobres, mas a observância fiel do sábado, com o qual o ano da graça é equiparado. Esta é a visão sacerdotal do pessoal do segundo Templo, no pós-exílio.

Deuteronômico 15,1-4 traz ainda outra lei ampliada: o ano da remissão das dívidas acumuladas, principal fonte de escravização de uma pessoa. A lei deuteronômica interfere nas relações econômicas dentro do próprio povo para evitar que uma pessoa se torne escrava de outra por dívida. E mais ainda. A lei afirma que esta é a vontade de Deus: *para que não haja pobre no meio de ti* (Dt 15,4). A formulação ou a reformulação dessas leis é reveladora da situação em que está vivendo o povo no século VIII e VII a.C.

Com o exílio (587-538 a.C.), Israel entrou na crise mais profunda de sua história. Nesses cinquenta anos, tanto em Judá como na Babilônia, aconteceu um processo sério de revisão e reflexão para buscar as causas de tamanha desgraça e sustentar a esperança do povo. Nesse período algumas leis foram revistas e consolidadas como por exemplo a lei do sábado (Gn 1,1-2,4a).

Em 538 a.C., com a volta dos exilados, inicia-se o pós-exílio. O grupo que volta, a *golá*, com a ajuda dos persas, começa o projeto de reconstrução do Templo e da cidade santa: Jerusalém (Esd 1-6). Muitos dos que voltaram tinham também a idéia de reconstruir a monarquia davídica (Ag 2,20-23). É um momento de reencontro com a terra e com os que nela permaneceram durante o exílio. Um recomeço difícil! Surgem muitos conflitos em torno da posse da terra e da reconstrução do Templo (Esd 4; Ne 3,33-37; Is 65-66).

As diversas obras exigiam mais e mais contribuição do povo, que era obrigado a pagar dupla tributação: para o império persa e para o Templo controlado pelos sacerdotes sadoquitas. Isso acelerou o processo de endividamento da população, e simultaneamente, cresceu o conflito entre a *golá* e os campo-

neses e outros grupos explorados. Entre esses últimos estavam os sacerdotes levitas. Alguns viviam no interior e conviviam com o povo no dia-a-dia. Eram pregadores da palavra. Outros viviam no Templo como sacerdotes de segunda categoria e, em termos de participação do culto, eram discriminados pelos sadoquitas mantenedores do sistema do Templo (Ml 1,6-2,9; 2,13-16).

Esse grupo de sacerdotes levitas se torna porta-voz do povo espoliado e, junto com ele denuncia a situação vigente e anuncia um novo projeto. É o que encontramos em Is 61 e 65 — 66, textos do mesmo período. Em Is 65,20-24, o profeta apresenta o sonho apocalíptico do povo que é reverter a situação do momento presente: não haverá mortandade infantil; os velhos morrerão com mais de cem anos. O povo vai construir casas e morar nelas, plantar videiras e comer do seu fruto. Enfim, usufruirá da produção de suas mãos, e, juntamente com seus descendentes constituirá a raça dos benditos de Iahweh. A opressão acabar! Juntos, levitas e povo pobre da terra (Is 66,2), gritam pela implantação do *ano da graça*, ou seja, a prática da justiça e do direito pelo restabelecimento das leis do ano sabático (Ex 21,2-11; Ex 23,10-11; Dt 15,1-4).

A situação é dramática. O sistema que provoca corrupção e injustiça precisa ser deslegitimado. O Templo, controlado pelos sadoquitas aliados do Império Persa, é o grande responsável pelo empobrecimento do povo. As leis do ano sabático são relidas e ampliadas como fundamento da proclamação do ano jubilar. Os levitas unidos ao povo sem terra anunciam a Boa Nova. Uma Boa Nova que acontece de baixo para cima, a partir dos pequenos e oprimidos. Aqueles e aquelas para os quais Iahweh volta o seu olhar, às pessoas que são fiéis à Lei (Is 66,2; Sl 25,12-14).

Na prática, para o grupo do Terceiro Isaías, a implantação do *ano da graça* se dá a partir da *casa*. Por isso, levitas e povo pobre da terra são convocados para reedificar as ruínas do passado, a partir da casa, da memória dos ancestrais (Is 61,4). O que significa restabelecer os laços de família, de comunidade, de partilha, de solidariedade e de proteção jurídica. A proposta do ano jubilar é restabelecer a justiça e o direito a partir dos princípios tribais, pelos quais o povo é agente da própria história: *eles reconstruirão, reerguerão, renovarão*.

O *ano jubilar*, ou o *ano da graça*, para o Terceiro Isaías traz ainda duas novidades fundamentais. A primeira é a exigência de superar os limites de descendência, de nação. Os estrangeiros são incorporados à convivência na *casa*: *estrangeiros estarão aí para apascentar os vossos rebanhos, filhos de estrangeiros serão os vossos lavradores e os vossos vinhateiros* (Is 61,5).

Certamente não se trata dos exércitos estrangeiros invasores e violentos, mas de membros dos povos vizinhos, também dominados pelo Império Persa e necessitados de emprego para sobreviver. Contrastando com o projeto oficial de reconstrução do povo, estabelecido por Esdras e Neemias, que havia decretado a expulsão dos estrangeiros, a partir da lei do povo puro, o comportamento do grupo do Terceiro Isaías representa um avanço (Esd 9-10). Eles não excluem, pelo contrário, eles retomam os princípios tribais de defesa do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro (Dt 24,21-22) e os integra na vida da casa, oferecendo-lhes trabalho. O ano da graça é para todos, não tem fronteiras, nem privilégios.

Completando esse primeiro aspecto vem o segundo. A Aliança de Iahweh também não é exclusivista. O Segundo

Isaías diz que de agora em diante a aliança de Deus não é mais com Davi, nem com nenhum grupo específico, mas com o povo (Is 55,3). E Is 61,8 afirma: *Com efeito, eu, Iahweh, que amo o direito e detesto o roubo e a injustiça, lhes darei fielmente a sua recompensa e estabelecerei com eles uma aliança eterna*. Todos e todas são convocados a praticar a justiça e o direito, a fazer acontecer o *ano da graça* (Is 59,21).

A promessa da aliança eterna feita por Iahweh aos seus sacerdotes, ministros e a todo povo se estende à descendência deles (Is 61,9). *Descendência*, em hebraico *zera'*, em sentido original quer dizer *semente*. É uma palavra muito encontrada nos textos do Segundo e Terceiro Isaías, para falar do povo excluído, a sobra da catástrofe do exílio, que ficou como semente escolhida por Iahweh (Is 44,2-4; Is 54,3). Essa descendência se torna o povo dos benditos de Iahweh, reconhecido por todos.

A proposta do *ano da graça* que significa libertação dos escravos, remissão das dívidas, redistribuição das terras, no Terceiro Isaías, adquire novas dimensões: integra estrangeiros na casa e estende a Aliança a todos. Isso faz o mensageiro irromper num grito de alegria: *Transbordo de alegria em Iahweh, o meu ser se regozija no meu Deus, cobriu-me com um manto de justiça, como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se enfeita com as suas jóias* (Is 61,10).

O capítulo 61 de Isaías se encerra no v. 11 mostrando a abundância de vida, fruto da bênção do Senhor, expressão de sua justiça: Com efeito, como a terra faz brotar a sua vegetação, e o jardim faz germinar as suas sementes, assim o Senhor Iahweh faz germinar a justiça e o louvor na presença de todas as nações. É a recriação do povo após a destruição cau-

sada pelo exílio, pela ação de Iahweh. Ele, o Deus criador, faz germinar vida nova: a justiça e o louvor como a terra faz brotar a vegetação e o jardim faz germinar as sementes (Is 4,2). Jardim em oposição a deserto (Is 51,3; 58,11). É a mesma imagem que encontramos no texto da cria-

ção no Gênesis (2,7.9.15.16). Recriar, fazer nascer vida nova, fruto da prática da justiça é instaurar o ano da graça!

Hoje, a quem Iahweh unge e envia a anunciar o *ano de graça* a recriar junto com os/as empobrecidos/as a vida nova que ele quer para todos?

MENSAGEIROS/AS DO ANO DE GRAÇA NO HOJE DA HISTÓRIA

No batismo, somos ungidos/as e enviados/as a anunciar o *ano de graça* aos pobres e quebrantados de coração. A Vida Religiosa, como seguimento de Jesus, anunciador da Boa Nova, procura assumir com radicalidade esta missão, entregando-se com exclusividade ao serviço do Deus do povo e do povo de Deus.

O exercício dessa missão profética se dá na solidariedade com os sofrimentos e sonhos do povo e com o que isto implica concretamente. Como por exemplo exigir e comprometer-se para que se cumpra a lei do direito e da justiça na defesa e proteção da vida, onde quer que ela esteja ameaçada. Nossa missão é despertar e alimentar esse sonho do *ano de graça* como algo que tem que ser internalizado e vivenciado. Os levitas, enquanto membros ativos da causa do povo, mantinham vivo esse sonho porque o povo passava por necessidade. Nessa tarefa eles convocavam o povo a ser agente de transformação da própria história. Proclamar o *ano de graça* é fazer junto com os empobrecidos/as o processo de reconstrução da nova sociedade.

A missão de quem entra num movimento de reconstrução de cidadania, de direito de justiça exige entregar-se a esta causa, correndo todo tipo de risco que ela implica. Isto supõe fé no Deus *que ama a justiça e o direito e odeia a injustiça* (Is 61,8) e quer que essa *boa nova* seja anunciada aos despossuídos e que estes e estas sejam consolados/as e con-

vocados/as a recriar uma nova sociedade (Is 61,4), portanto, é algo profundamente coletivo e integrador. É a luta pela vida que congrega homens e mulheres de diferentes convicções religiosas, etnias, gerações e classes sociais.

Essa foi a missão de Jesus de Nazaré que assumiu como seu o projeto anunciado em Is 61,1-3. Sua cartilha foi as bem-aventuranças (Mt 5,1-12; Lc 6,20-22). O critério que ele nos deixou para avaliarmos nossa prática de seguidores/as de seu projeto está descrito em Mt 25,31-46, no qual os malditos do sistema, os despossuídos, se tornam os benditos, os mediadores de nosso encontro com Deus.

Vida Religiosa é seguimento de Jesus de Nazaré. Como seus seguidores/as que jubileu nós estamos preparando e anunciando? Quais os gestos concretos que estamos fazendo com e em favor dos pobres, dos despossuídos/as e dos excluídos/as? Qual a Boa Nova que estamos ajudando a construir e a realizar? Como nós, religiosos/as estamos participando do compromisso do resgate das dívidas sociais em comemoração ao ano jubilar? Estamos engajados/as ativamente nessas buscas? Com quem nos identificamos? Somos porta-voz de que grupos?

Iniciamos nossa reflexão com a experiência dos sem-terra que estão tentando se organizar de maneira nova, na contramão da sociedade vigente. Morreu um dos seus companheiros mas nem por isso o sonho acabou... A esposa de Eduardo,

a
c
o
n
v
e
r
t
e
r
e
n
c
i
a

Jaude Fábil Anghinoni e o filho Emanuel Anghinoni, de sete anos, estão integrados na luta dos sem-terra, na qual Eduardo foi assassinado. Eles já têm a posse da terra garantida numa das áreas recém conquistadas nas proximidades de Querência do Norte, onde vivem e atuam outros irmãos de Eduardo, tentando construir junto com os/as companheiros/as de caminhada uma nova sociedade onde reina a justiça e o direito.

Proclamar o *ano de graça* é acreditar que Deus quer a prática da justiça e do direito que gera vida para todos e se comprometer para que isso se concreti-

ze no hoje da história. Celso, após partilhar conosco detalhes da morte do seu irmão Eduardo, disse: *não sei o que nos faz permanecer firmes na luta...* De repente, seu olhar se iluminou e ele continuou: *sei sim. É o sonho. O sonho de que todos tenham aquilo que nós, grupo de assentados, já temos: família, educação para os filhos, casa, terra, produção coletiva, uso e venda organizada do produto sem exploração, convivência fraterna e solidária entre o povo.*

E nós, religiosos/as estamos dispostos/as a lutar para que todos/as tenham o que nós temos?

Este texto é fruto do diálogo com as assessoras/es e colaboradores do Centro Bíblico Verbo: José Ademar Kaeffer, Manoel José de Godoy, M. Antônia Marques, Maristela Tezza, M. Percila Vieira, Rejane Paiva, Renée Chedid, Rose Marie Mauban e outros/as.... Um agradecimento especial à Enilda de Paula Pedro, pela colaboração na pesquisa e na redação do texto.

BIBLIOGRAFIA

- CRÜSEMANN, Frank. Die Tora. Theologie und Sozialgeschichte des alttestamentlichen Gesetzes. Chr. Kaiser Gütersloher Verlagshaus, 1997.
- GOTTWALD, Norman K. Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Paulinas, 1988.
- MAUBAN, Rose Marie. "Serão chamados "Sacerdotes de Iahweh". Trabalho apresentado no curso de mestrado, Centro Bíblico Verbo. São Paulo. Abril de 1999.
- NAKANOSE, Shigeyuki e PEDRO, Enilda de Paula. Como ler o livro de Malaquias — Defender a Tradição ou a vida?. São Paulo: Paulus, 1996.
- NAKANOSE, Shigeyuki. "Para entender o livro do Deuteronômio". Em Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, 1996. nº 23, p. 176-193.
- PRÉVOST, Jean-Pierre. Para leer El Apocalipsis. Estella: Editorial Verbo Divino, 1994.
- REIMER, Haroldo. "Leis dos tempos jubilares na Bíblia". Em Revista Estudos Bíblicos, Petrópolis, Vozes, 1998, v. 58, p. 15-32.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Ao longo do texto, são colocados vários questionamentos e feitas várias perguntas. Procure refletir e responder àquelas perguntas que interpelem mais a sua missão e a de sua comunidade.
-

 SHIGYUKI NAKANOSE, SVD.
Diretor do Centro Bíblico Verbo.

Endereço do autor:
R. Verbo Divino, 993
04719-001 — São Paulo / SP

A Trindade no Oriente Cristão

PE. VÍCTOR CODINA, SJ

UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

O Oriente cristão, separado de Roma a partir do século XI, mantém a rica tradição das origens do cristianismo em sua teologia, liturgia e espiritualidade.

Seria caricatura dizer que a Ortodoxia oriental equivale ao cristianismo ocidental, menos nos pontos de atrito. As diferenças são culturais, espirituais, históricas, teológicas. São duas formas diferentes de experimentar e viver a fé cristã. Estas diferenças já existiam antes da ruptura e, certamente, são a causa mais profunda da posterior separação eclesial.

Os ocidentais latinos conhecemos mais a tradição teológica e espiritual da Reforma do que a da Ortodoxia. Por isso, inicialmente, seria bom enumerar alguns pontos típicos dessa concepção do mundo e da fé.

É uma forma de cristianismo menos doutrinal e conceitual. Para compreendê-la, é preciso dizer: "Vem e olha". Para compreender a Trindade no Oriente, é necessário participar de suas liturgias, sentir-se envolvido pelo perfume do incenso, pela harmonia de seus cantos, pela luminosidade de seus ícones.

É a forma de cristianismo mais próxima de suas origens, o que lhe confere um sabor arcaico, por um lado, e de frescor evangélico, do outro.

É a forma mais escatológica do cristianismo, sempre em tensão, dirigida à Parusia e com menos riscos de secularização, embora isso possa trazer-lhe o perigo de certo milenarismo.

Sua espiritualidade é fortemente monástica e o monacato é essencial à sua eclesiologia, é como sua nervura central. Recordemos a importância do brilhante Zósimo em "Os Irmãos Karamazov".

É a forma mais contemplativa de cristianismo, mais inclinada à adoração do que à ação, mais ao silêncio do que à palavra, mais ao respeito diante do mistério do que à sua racionalização. A Trindade é, antes de tudo, objeto de adoração e de louvor.

É a forma de vida e de espiritualidade mais litúrgica e monástica do cristianismo, sempre tendendo à beleza e à veneração do ícone.

É a forma de cristianismo mais fiel à tradição; a que não passou pelas crises da Reforma, do modernismo, da secularização e da pós-modernidade, com o conseqüente perigo do conservadorismo e, inclusive, do fundamentalismo.

É a forma mais cósmica de cristianismo, a mais ligada à terra, ao corpo, à mulher, aos símbolos materiais, ao cos-

mos; sensível ao que, hoje, chamamos de ecologia e de holística.

É a forma de cristianismo mais pneumática; nela, a dimensão do Espírito ficou mais viva e sobressaem os diversos carismas do Espírito: monacato, laicato, pluralismo espiritual e teológico, vida.

Talvez, para resumir esta aproximação, poderíamos dizer que a Ortodoxia está

configurada pelos escritos joaninos (evangelho, cartas, Apocalipse). Os orientais contemplam a glória do Verbo na carne de Jesus, permanecem nele, confiam no Paráclito, através de Jesus chegam ao Pai¹.

Por isso, podemos concluir, sem temor, que é a forma de cristianismo que vive mais fortemente a vivência trinitária da fé cristã.

SEU MÉTODO TEOLÓGICO

Enquanto no Ocidente, no século XII-XIII, rompeu-se a síntese entre teologia e espiritualidade, no Oriente manteve-se tal unidade vital. A teologia é doxologia (louvor), contemplação, liturgia, mística, adoração, eucaristia, experiência espiritual. O dogma deve ser, antes de tudo, vivido; e somente vivendo-o, chega-se a compreender, de algum modo, porque a revelação não foi dada para satisfazer nossa curiosidade intelectual, mas para nossa salvação.

Isto não significa que a teologia não possa refletir sobre a fé com lucidez. Mas, trata-se de uma razão que se converteu a Deus pela fé e que foi batizada em nome da Trindade. Mesmo assim, sempre será verdade a grande afirmação de Gregório de Nisa: "Os conceitos criam ídolos, somente a admiração capta algo".

Por isto, os orientais concedem grande importância ao que chamam de teologia apofática, ou do silêncio: diante do mistério, o principal é o silêncio e a adoração. Deus se manifesta, como a Moisés, na nuvem escura, em meio à treva luminosa. Os dogmas não pretendem captar Deus, mas colocar limites à nossa razão.

Tal apofatismo vale mesmo depois da revelação de Deus e, precisamente então, pois o amor louco de Deus por nós supera todo conhecimento. O que faz que a teologia seja apofática não é a onipotência, nem a imensidão de Deus, mas seu amor.

Chegamos mais diretamente a Deus pela via da experiência, de seu amor derramado em nossos corações. E tal vivência expressa-se através de símbolos. A Escritura, a Igreja, a liturgia, os sacramentos, os ícones são símbolos através dos quais chegamos a Deus e expressamos nossa fé. Uma teologia não apofática deixa de ser simbólica e dilui o mistério na pura racionalidade. Esse é o perigo da teologia ocidental, em relação aos grandes mistérios da fé cristã.

Outra nota do método teológico oriental é sua dimensão colegial ou comunitária. A fé é vivida e celebrada na Igreja, na eucaristia, em comunhão com todos os batizados. A teologia está a serviço da comunidade eclesial e dela nasce. Sem dúvida, tal fato está ligado, como veremos em seguida, à forte dimensão trinitária da fé ortodoxa.

CONTEMPLAÇÃO SIMBÓLICA DO MISTÉRIO TRINITÁRIO

Para o Oriente, a Teologia é, sobretudo, contemplação da Trindade. (A his-

tória da salvação é chamada de Economia). A Trindade por ser o mistério fon-

1. P. Evdokimov, *L'Orthodoxie*, Neuchâtel 1965.

tal do cristianismo, é, sobretudo, objeto de experiência religiosa, litúrgica, mística e poética, mais do que de especulação. O importante é a vida de Deus em nós, não a especulação racional.

Precisamente, a defesa da divindade do Filho e do Espírito, sua consubstancialidade com o Pai, que foi defendida, respectivamente, nos Concílios de Nicéia (325) e no 1º de Constantinopla (381), estava direcionada a salvaguardar a divinização dos cristãos. Se o Filho e o Espírito não eram Deus como o Pai, como podiam transmitir-nos a vida divina, que é o fim de toda a vida humana?

A Trindade é, antes de tudo, objeto de fé no Credo litúrgico.

E objeto de contemplação em seus ícones.

Antes de tentar precisar as características da Trindade no Oriente, contemplemos, em silêncio, o conhecido ícone da Trindade de Andrés Roublev. Essa pintura, realizada entre 1422 e 1426, é o ponto alto da iconografia oriental.

Para compreender esse ícone, é preciso recordar a cena, narrada em Gênesis 18, 1-5, daqueles três misteriosos visitantes que chegam a Abraão, junto ao Carvalho de Mambré. Abraão acolhe-os, manda matar um vitelo tenro e cozinhar pães, e serve-lhes um almoço para que refaçam suas forças depois de sua viagem. Depois de comer, os visitantes anunciam a concepção de Sara, que ri incrédula. Mas para Iahweh nada é impossível.

A tradição da Igreja viu nessa cena misteriosa uma imagem da Trindade, que nos visita e age na história de salvação.

O quadro de Roublev pinta esses três personagens em forma de anjos caminhantes, sentados ao redor de uma mesa,

em cujo centro há um cálice recipiente com um cordeiro degolado.

Mas à luz da tradição e da fé eclesial, esses três anjos representam as três pessoas da Trindade. Suas três auréolas advertem-nos que estamos diante do mistério santo. A cor azul das três túnicas é a cor da divindade.

O anjo da esquerda do quadro representa o Pai, segundo opiniões orientais autorizadas. É o único que não se inclina diante dos outros, mantém uma posição vertical como eixo e princípio de tudo, enquanto recebe dos outros dois personagens sua inclinação reverente. Suas cores rosa e azul, mais suaves que as dos outros anjos, evocam a invisibilidade. Atrás dele, aparece um templo-casa: a humanidade, a Igreja, a nova Jerusalém; em último termo, a casa do Pai.

O anjo do centro representa o Filho. Sua túnica é vermelha, cor de sangue, inclina-se para o Pai, sua mão direita mostra o cálice eucarístico, cordeiro degolado, que é o centro geométrico do ícone. Atrás dele, há uma árvore, que simboliza a cruz, a árvore da vida, o carvalho de Mambré.

O anjo da direita representa o Espírito. Inclina-se para o Pai em atitude maternal, dinâmica e fecundante. Dele, parte todo o movimento que une as três figuras numa unidade harmoniosa. Sua cor verde evoca a vida. A rocha de trás simboliza o cosmos que ele vivifica.

Todo o quadro se inscreve num octógono, símbolo do oitavo dia da escatologia. Existe um ritmo que une as figuras numa comunhão dinâmica e plena, que parte do Pai e termina no Espírito e parte do Espírito e termina no Pai. Mas o centro de tudo é o mistério da salvação: o cordeiro degolado pela salvação da humanidade.

APROXIMAÇÃO TEOLÓGICA AO MISTÉRIO

A contemplação do ícone apresentamos os grandes rasgos do mistério trinitário, tal como é vivido no Oriente.

Ao passo que os ocidentais partem da essência ou natureza divina para chegar às pessoas da Trindade, os orientais par-

tem da Pessoa do Pai, como princípio de toda a divindade e de tudo o que existe.

Esse Pai, cheio de inteligência e bondade, ao expressar-se a si mesmo, gera o Filho como suprema expressão de sua natureza. É sua imagem e sua Palavra reveladora de seu mistério sem princípio.

Ao proferir a Palavra ou o Filho, o Pai emite também um sopro, espira o Espírito Santo, que brota do Pai simultaneamente com o Filho. Desse modo, o Pai entrega às duas Pessoas toda sua substância e natureza. Assim, as três Pessoas são consubstanciais, isto é, possuem a mesma natureza do Pai e, por isso, são Deus.

Frente à teologia latina, que diz que o Espírito procede do Pai e do Filho (Filio-que) como de um só princípio, a oriental afirma que o Espírito procede só do Pai, assim como o Filho. O Filho e o Espírito são as duas mãos do Pai, com as quais este abraça toda a criação (Irineu).

Por isso, no Oriente, cada Pessoa guarda relação com as outras duas, não com uma só. O Espírito é mais que o vínculo de união amorosa entre o Pai e o Filho, tem mais personalidade que no Ocidente.

As três Pessoas estão tão unidas pelo amor, tão interpenetradas — cada uma

está presente na outra, se entrelaçam numa comunidade divina — que os orientais chamam de “perikóresis”, que, etimologicamente, significa uma dança comum, em uníssono, da mesma música². É a unidade que une o Pai e o Filho (Jo 17, 21) no Espírito.

Eis alguns traços típicos da teologia trinitária oriental:

- A prioridade do Pai como princípio e fonte de toda vida divina. Para o Oriente, como para o Novo Testamento, sempre que se diz Deus, evoca-se o Pai.
- A estreita relação do Filho com o Pai e com o Espírito, superando assim o risco de uma redução cristológica (Cristomonismo) ocidental.
- A maior relevância do Espírito que aparece com maior personalidade própria do que no Ocidente latino.
- A estreita comunhão interpessoal entre as três divinas pessoas, que formam uma verdadeira comunidade intercompetrada de amor e de união mútua (perikóresis).

Desse modo, toda a vida cristã adquire maior relevância trinitária, no nome do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Os batizados não somos simplesmente filhos do bom Deus, mas filhos do Pai, pelo Filho Cristo Jesus, no Espírito Santo.

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS TEOLÓGICAS E PASTORAIS

O mistério trinitário é fontal em todo o Oriente. Toda a vida humana e cristã é vivida à luz da Trindade.

De modo diferente do Ocidente, que compreende a Trindade a partir da psicologia humana (Agostinho), no Oriente, o ser humano se compreende a partir da Trindade. É pessoa à imagem da Trindade. Por isso, o ser humano é misterioso como a própria Trindade e a antropo-

logia participa do caráter apofático de todo mistério divino. Toda pessoa humana é sagrada. Merece, portanto, profundo respeito.

Baseando-se na dignidade trinitária da pessoa humana, os Padres da Igreja atacam a escravidão e defendem a justiça social.

Como as pessoas divinas, a pessoa humana é livre e é um ser relacional, cha-

2. Se alguém quer aprofundar mais todas essas dimensões teológicas e as diferenças entre Oriente e Ocidente pode ler V. CODINA, *Los caminos del oriente cristiano. Iniciación a la teología oriental*. Santander 1998, págs. 87-100.

mado a viver em comunhão. Supera-se, assim, o típico individualismo ocidental que faz de cada ser humano uma espécie de mônada sem janelas³.

Tal ser humano pessoal caminha da imagem para a semelhança com a Trindade. Seu momento sacramental inicial é o batismo, quando é introduzido na Igreja e, através dela, na comunidade trinitária, da qual a Igreja é imagem e ícone. Pelo batismo recebemos a vida do Pai, por meio de Jesus o Filho, na força do Espírito Santo.

A Igreja não é uma simples instituição, mas um acontecimento e um sacramento de comunhão. A Igreja é a comunidade reunida na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como afirmava Cipriano e foi recolhido pela Constituição dogmática da Igreja do Vaticano II, *Lumen Gentium* (LG 4).

A Igreja é, pois, sobretudo uma comunidade de amor, presidida pelos pastores e vivificada pelo Espírito de Pentecostes. O Espírito lança essa comunidade para a missão e para isso reparte-lhe dons e carismas variados. A Igreja do Oriente deu muita importância aos diversos carismas, ao ministério, ao monacato, ao laicato. A partir dessa dimensão comunitária de Igreja, à imagem da Trindade, supera-se todo clericalismo e imposição de uns setores da Igreja sobre outros. A Pneumatologia ajuda a manter viva a idéia e a vivência de comunhão. A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, como afirma Boff⁴. O Vaticano II elaborou uma eclesiologia de comunhão, precisamente para recuperar essa visão patrística e oriental da Igreja como sacramento da Trindade. Não é em vão que a

Lumen Gentium começa com o mistério trinitário (LG I).

A eucaristia é o sacramento da comunhão, que nos faz concorpóreos com Cristo e nos dá seu Espírito. Na prece eucarística, junto com o relato da instituição, não pode faltar a invocação ao Espírito (epiclese), para que transforme as oferendas e a comunidade no Corpo de Cristo.

E a vida espiritual é, antes de tudo, a divinização do cristão iniciada no sacramento do batismo; divinização marcada, por um forte acento trinitário. A oração e a liturgia cristã dirigem-se ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

A Cristologia está intimamente unida à Pneumatologia. Jesus age e atua pela unção e força do Espírito (Lc 4,16-21), e promete-nos o Espírito (Jo 14-16). Supera-se, assim, todo perigo de Cristomonismo ou de redução da fé ao princípio cristológico, esquecendo o pólo pneumatológico. É pela força do Espírito que Jesus passa pelo mundo fazendo o bem e libertando do maligno (At 10,38) e é pela força do Espírito que o cristão pode seguir Jesus. Desse modo, corrige-se todo possível voluntarismo ou moralismo no seguimento de Jesus.

A Escatologia é a plenitude da vida cristã, a participação no banquete do Reino, a manifestação dessa vida trinitária que vivemos, já agora, na fé. Não é simples contemplação da essência divina ou visão beatífica da teologia latina, mas a introdução no próprio mistério trinitário, nessa corrente de comunhão, de amor e de união que entrelaça as três divinas Pessoas. Somos introduzidos à comunidade divina.

Finalmente, a própria vida social fica configurada por essa visão trinitária.

3. O. CLÉMENT, *Sobre el hombre*, Madri 1983.

4. L. BOFF, *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo 1988. L. Boff atribui essa visão comunitária da Trindade a uma concepção moderna, diferente da latina e da grega (págs. 65-66). Acreditamos que é tipicamente oriental.

Como diz Féodorov, "nosso programa social é a Trindade". O que é que isto significa? Por acaso serve a Trindade para resolver os problemas econômicos de nosso mundo? Certamente, não; mas a Trindade — como comunidade — apresenta-nos o ideal e o modelo de toda sociedade, na qual haja respeito, igualdade, justiça, sem diferenças excludentes.

Frente a uma visão mais monoteísta da fé e da sociedade, na qual há um Senhor no céu e um senhor na terra, a visão trinitária de Deus Pai com o Filho e o Espírito Santo, introduz um elemento comunitário, tanto na pessoa humana como em seu relacionamento social, econômico, político e cultural. Como a Trindade compartilha, respeita as diferenças numa unidade de amor (perikóresis), a sociedade deve viver um ideal libertador de justiça e de fraternidade.

Para o mundo latino-americano e caribenho, que vive sob o império do neoliberalismo mais selvagem, que exclui uma maioria da população dos bens sociais, a doutrina trinitária representa uma voz profética que denuncia o egoísmo

individualista do capitalismo e nos impulsiona a buscar outro tipo de sociedade, na qual as pessoas possam viver de forma livre e digna, como filhos do Pai por Cristo no Espírito. Deus não é uma solidão, mas como uma família⁵.

Para tanto, a doutrina oriental da Trindade oferece-nos linhas de força e poderosos impulsos para nossa vida. O mistério converte-se em vida, a experiência da Trindade na Igreja e na sociedade antecipa-nos o gozo da Trindade eterna.

As promessas de Deus, como aquelas dos três visitantes de Abraão, cumprir-se-ão. Isaac é o filho da promessa. O riso de Sara transforma-se de incredulidade em esperança e felicidade. Para Deus nada é impossível, como novamente o anjo recordará a Maria, em sua anunciação (Lc 1,37). A contemplação da Trindade transforma nosso egoísmo e incredulidade em fé e esperança, transforma nosso individualismo em comunidade de amor. Contemplemos novamente o ícone da Trindade e glorifiquemos ao Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, nos chamou para participar, desde agora, desse mistério.

TRADUÇÃO: MAGDA F. DE QUEIROZ

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Porque se pode afirmar que o cristianismo oriental é a "forma de cristianismo que vive mais fortemente a vivência trinitária da Fé"?
2. Quais as principais características do método teológico do Oriente? Como esse método pode iluminar a teologia ocidental, sobretudo na compreensão da Trindade?
3. Quais as consequências teológicas e pastorais que encontram mais ressonância em você e sua comunidade?

 VÍCTOR CODINA: Teólogo.
Professor de Teologia.

Endereço do autor:
Casilla 319 — Santa Cruz de la Sierra — Bolívia

5. Discurso de João Paulo II, em Puebla, 28 de janeiro de 1979.

Ser Presença do Deus Amigo¹

*Desafios para o cristão e para a
comunidade eclesial no século XXI*

ROSINHA BORGES DIAS

1. MOMENTO DE MUDANÇAS NO MUNDO

Vivemos momento histórico de profundas mudanças e contradições, diante das quais nos sentimos muitas vezes perdidos e desorientados. Se por um lado nunca foi tão forte a consciência a respeito dos direitos humanos, também nunca houve tanto desprezo pela vida e banalização da violência. A ciência descobriu a cura de doenças que entretanto continuam matando grande parte da população que está excluída de seus benefícios. Há uma super safra de grãos, mas muita gente ainda morrendo de fome. Há enorme produção de riquezas, mas crescem o empobrecimento e as desigualdades sociais. O processo de globalização econômica e cultural avança e os governos nacionais perdem sua capacidade de intervenção. A mídia está por toda parte, passando mensagens de liberdade e impondo consumo efêmero e culto do corpo. O individualismo reina como "a" ideologia contemporânea. Há um acúmulo de informações, barulhos e

imagens, apresentados em crescente velocidade, dificultando o desenvolvimento de qualquer atitude reflexiva e crítica. Há crises generalizadas, entre elas a crise nas relações afetivas, a crise do papel de pai, crise na Vida Religiosa, crise de identidade dos padres... etc. Muitos chamam a esta problemática generalizada de "síndrome de fim de era".

Um pequeno caso ilustrativo: conta-se que uma nadadora famosa estava numa competição esportiva para travessia de um canal no mar. Apesar de ser reconhecida como a mais capaz, perdeu a disputa. Quando perguntada sobre o que tinha acontecido, ela explicou que devido à forte cerração e neblina, ela não viu a direção e que a praia estava perto. Ficou indecisa quanto ao rumo e enfraqueceu o ânimo. Apesar de sermos muitas vezes especialistas do sagrado, ou do altar, também nós não podemos estar sem rumo, sem um sentido profundo na vida? Será que temos dado conta de en-

1. Título inspirado na Dissertação de Mestrado de Terezinha das Neves Cota "É TUA FACE QUE PROCURAMOS - A contribuição da Teologia Feminista para a relevância do Mistério Trinitário na atualidade" Centro de Estudos Superiores do Instituto Santo Inácio - Belo Horizonte - 1999.

tender este turbilhão ao qual estamos imersos, colocar a cabeça de fora e respirar? Perceber de que lado fica a praia, para onde devemos nadar?

Este é um tempo privilegiado para pensar no sentido de nossa vida e no nosso papel de cristãos. Pensar no tipo de Igreja que devemos construir no limiar do século. As Igrejas são lugares privilegiados onde se trabalha a formação de mentes, corações, consciências.

O emaranhado da vida que estamos vivendo

Durante um curso de formação em antropologia teológica, um grupo de cristãos engajados explicava o sentimento de fragmentação da vida. A pessoa hoje vive imersa na sociedade de consumo e lazer. O tempo fica todo ocupado e parece que a pessoa fica oprimida, sem espaço, devido ao forte apelo do mundo externo. Sem querer é levada ao consumismo e à busca de status, “comprar algo de que não precisa, com dinheiro que não tem, para mostrar para quem não gosta, aquilo que não é”. Há uma ânsia de querer participar de tudo, pressa, superficialidade. Na correria cotidiana atrás da satisfação das necessidades diárias, lidamos com as coisas por partes.

O enriquecimento virou objetivo de vida para a maioria. Outras vezes o objetivo é realizar-se na profissão. A família viria em segundo lugar na escala de valores, o primeiro é a profissão. Aparecem as crises do papel de pai, no casamento, a falta de limites para as crianças... No trabalho prevalece a cultura do vencedor, competição. Aos poucos, a gente vai se reduzindo a mero instrumento de produção, consumo e prazer. As mercadorias, o dinheiro, o erotismo e a exploração das emoções fortes são chamados sedutores. Tudo torna-se descar-

tável, inclusive valores, limites, princípios éticos e morais. Faltam perspectivas, ideais, visão de onde quer chegar, metas. Crescem a indiferença ao sofrimento dos outros, as injustiças e a desigualdade. Na complexidade do mundo globalizado as pessoas perdem seu sentido de vida.

Baú cheio de fragmentos

Nossa consciência fica parecendo um baú cheio de fragmentos, memórias, desejos desorientados. Mas nós não somos isso...quem somos, muitas vezes não sabemos. Aí vem a sensação de vazio e as crises de identidade que atingem a todos, inclusive quem aparentemente deveria estar mais imune a estes fatores: padres, religiosas, leigos e leigas engajados. Também em nossas relações pessoais, comunitárias e familiares, o individualismo vai se instalando. Aos poucos vamos sendo tomados pela indiferença ao sofrimento do outro, apatia, insensibilidade... achando que não precisamos de ninguém.

Perplexidade entre agentes de pastoral

Há entre nós agentes de pastoral — padres, religiosas, leigos e leigas — também uma sensação difusa de mal-estar, perplexidade e busca de identidade. Percebe-se em muitos, sinais de dor, amargura, auto-estima baixa, busca de reconhecimento, cansaço, acúmulo de tarefas, fragmentação de atividades, desânimo, dificuldade de estabelecer prioridades. Alguns padres admitem que no fundo há uma crise também do seu papel. Muitas vezes se perguntam: Como ser padre hoje? Qual o meu papel? Quem sou eu neste mundo?

O resultado é que há um vazio existencial muito grande. Estamos muitas vezes perplexos, fragmentados, infelizes, sem rumo certo na vida. Saturados

de consumo ou na ânsia de ganhar dinheiro, vivemos uma situação de agitação sem felicidade. No emaranhado e na correria do dia a dia muitas vezes nos sentimos inertes, apáticos, quase sem vida. Perdem-se a noção dos valores essenciais e a unidade interior. Sentimo-

nos impotentes e desanimados para procurar o sentido de uma vida que faça sentido. Dessa situação emerge uma enorme sede do sagrado, saciada muitas vezes equivocadamente por outros objetos de consumo: mapa astral, búzios, busca de curas e milagres...

2. MOMENTO DE BUSCA DO ESSENCIAL

Perguntas inquietadoras persistem subjacentes a essa sensação de caos. Há algo que tem o poder de ligar todos esses fragmentos? O que pode dar de novo um significado à vida? Afinal, o que é a nossa vida? Qual seu significado? A vida é só isso que vemos na mídia? É possível retomar seu significado essencial? Como redescobrir o sabor e a beleza da vida? Como redescobrir a importância do outro na nossa vida? Será que podemos dialogar com o Mistério do mundo e indagar pelo seu projeto a nosso respeito? Indagar pelo Sentido último e captá-lo na nossa vida? Se ninguém nunca viu a Deus, quem nos pode revelá-lo?

Como Igreja temos trabalhado para criar uma cultura da solidariedade no lugar da cultura do individualismo? Temos conseguido tocar corações, mentes, consciências para a importância do outro na nossa vida? Para a tarefa comum de construir paz, justiça, diálogo, respeito à dignidade humana? Não está na hora de rever a atuação social e política de nossa comunidade eclesial e nosso compromisso com os pobres?

Experiência de Deus

Só uma experiência pessoal e profunda de comunhão com Deus possibilita-nos refazer nossa inteireza interior para enfrentar o caos e a fragmentação em nós e entre nós. Refazer nossa inteireza para poder cumprir nossa missão. O encontro com Deus é uma experiên-

cia de proximidade e comunhão. Experiência de entrega que nos integra por dentro. Que unifica e centraliza a nossa vida fragmentada. Experiência que reencanta nosso olhar sobre o mundo, as pessoas, os acontecimentos.

Para juntar os fragmentos, direcionar nossos ideais só o encontro pessoal, a busca de um diálogo amoroso com Deus. Para isso uma condição necessária é o silêncio. Dar um tempo para a gente mesmo, para permanecer em si, buscar a liberdade interior e entrar em harmonia com os desejos mais íntimos que Deus põe no nosso coração e na nossa consciência. Ter consistência interna, para enfrentar a inconsistência externa. Esquecer um pouco o "material", dar mais atenção ao ser que ao ter. Só a experiência do Deus amigo, próximo, pai e mãe amorosa, pode nos dar condições para sermos esta presença amiga.

Uma iniciativa esperançosa

Tomando consciência da situação de mal-estar que acabamos de comentar, um grupo de padres de uma região episcopal de BH resolveu ouvir as aspirações atuais dos leigos sobre o essencial de sua missão. Iniciativas desse tipo revelam maturidade, realismo e despreendimento e encham de esperança o coração da Igreja. A partir da pergunta "*Por favor, responda na sinceridade de seu coração: O que é essencial na missão do Padre hoje?*" foi feito um levantamento das ex-

pectativas atuais das pessoas sobre o papel do padre.²

Os resultados foram muito interessantes. De modo geral podemos dizer que o modo de "ser e de estar" no meio da comunidade é testemunho intrínseco mais visível da missão dos padres hoje, seguida do "fazer": anunciador da Palavra e formador de consciências.

Resumindo, podemos dizer que faz parte do perfil do padre neste limiar do século XXI, segundo os anseios e expectativas das comunidades:

- ser uma pessoa presente, próxima, que está junto, apóia, ajuda, não é distante;
- saber dialogar, ser aberto, comunicativo com linguagem simples, saber entrar em sintonia com seus ouvintes;
- demonstrar amizade, simpatia, afeição, atenção às necessidades;
- ser educador da fé, formador de lideranças, que faz refletir na relação fé/vida;
- anunciador do Evangelho com o coração, que adapta as mensagens para hoje;
- dar testemunho de fé e coerência, com uma vida interior de oração;
- desenvolver qualidades humanas como humildade, alegria, entusiasmo;
- saber acolher a todos com igualdade, sem discriminar.

(Será que nossos seminários prepararam o padre para este perfil ao mesmo tempo simples e evangélico? Será que não estamos mais preocupados com o fazer que com o ser?)

Em ocasião anterior, outro grupo padres da nossa Arquidiocese, representantes de todas as regiões, reunidos para definir quais seriam suas prioridades,

depois de muitas discussões resumiram da seguinte maneira: "ser pessoa e não função; animar as pessoas e os grupos; acolher, ouvir, conhecer os fiéis; mobilizar, organizar, dinamizar; buscar sintonia com a Igreja local e a cidade".

Para adotar as prioridades acima, os padres têm de deixar outras coisas que fazem, que segundo eles, são: "caciquismo, factótum; burocracia, administração; construção, obras; telemania, acomodação; arrogância, apego ao dinheiro; clericalismo".

Analisando as colocações dos próprios sacerdotes e os resultados do levantamento junto à comunidade eclesial sobre o essencial da missão dos padres hoje, podemos dizer que passam basicamente o mesmo recado. Revelam lucidez, clareza, simplicidade evangélica. Outros podem dizer que revelam o óbvio que não está sendo feito. Não porque os padres não queiram. Mas porque também eles estão submersos na mesma sociedade de consumo e lazer, pressionados pelo tempo, cansados e muito exigidos. Além disso carregam o peso da estrutura paroquial centralizadora e clerical.

O principal recado revelado na pesquisa é que o essencial da missão do padre hoje é *ser presença amiga e norteadora de sentido na vida* no meio da comunidade. Isto é essencial para qualquer seguidor ou seguidora de Jesus, quer seja leigo, religiosa ou presbítero. Ser gente é a maior qualidade de um ser humano que quer tocar corações. As qualidades humanas do mensageiro é tão ou mais importante que a mensagem. Deste tipo

2. O levantamento foi feito a partir das paróquias, entre católicos praticantes e não praticantes, acima de 16 anos, de bairros das regiões centro, leste, sul e municípios vizinhos de Belo Horizonte. Trezentos e oitenta e quatro pessoas responderam de maneira livre e rica à pergunta acima. A maioria delas apresentava duas ou mais características sobre a missão do padre, totalizando 972 respostas. Uma equipe de padres e leigos designada pela Região Episcopal leu todos os questionários e criou a partir daí, uma tabela de sistematização das respostas. Nesta tabela sobre o essencial da missão dos padres passa: a) relações interpessoais; b) evangelização dentro da Igreja; c) evangelização fora; d) a pessoa do padre.

de testemunho o mundo de hoje está carente, aí reside o núcleo da missão: ser presença da bondade de Deus junto às comunidades, é fator de humanização das pessoas e da sociedade.

O que significa *ser presença amiga*? As expectativas que todos têm a respeito de um amigo são: confiança, lealdade, sinceridade, segurança, liberdade. Está presente na amizade uma visão comum, uma interdependência que pode se tornar uma causa comum, um projeto comum. Ter para com Deus uma experiência de amizade nos dá condições de *ser presença do Deus amigo na comunidade*. O vínculo com o Deus amigo se estende ao companheirismo com os de fora. De tanto contemplá-lo, nossos olhos ficam cheios de sua presença. De tanto escutá-lo nossos ouvidos ficam atentos para perceber seus sinais nos outros, nos acontecimentos, na natureza. De tanto sentirmos tocados por Sua bondade, podemos ser bondosos.

Que significa ser presença *norteadora do sentido na vida*? A perplexidade atual, o imediatismo, as crises de identidade e o vazio, são sintomas da falta de perspectivas e sentido da vida. Trata-se de ajudar as pessoas a resignificar a própria vida, a vencer a indiferença para com o sofrimento e alegrias dos outros. Nós, cristãos somos privilegiados neste ponto. Temos a pessoa Jesus que veio mostrar o caminho da vida, revelar para nós o sentido da vida hoje. Revelar o projeto de Deus a nosso respeito, revelar "o mais" que existe em nós.

A mística da vida eterna

O conceito de "vida eterna" no evangelho e nas cartas de João, pode nos ajudar nesta redescoberta do sentido da vida. Vida eterna não é a vida depois da morte, mas vida de qualidade diferente desde já. É a semente, a essência de vida que o Cria-

dor deixou no meio de nós e Jesus veio nos mostrar. É a essência da vida que não passa, permanece, vence a morte, vem do alto. Foi desvendada por Jesus. Redescobri-la nos faz nascer de novo.

Necessitamos de muita quietude, escuta e oração silenciosa para receber e acolher esta vida que Jesus veio nos mostrar. Isto supõe um salto qualitativo, supõe descobrir o que é viver de verdade. Supõe entrar na experiência do eterno desde já. É entrar na presença do Ser. Deixar a luz vir. E esta é uma realidade a ser explorada. Somos criaturas de Deus, todo nosso ser está sendo feito e sustentado por ele. A criação não terminou, é preciso ajudar a vida desabrochar no mundo e em nós mesmos, como o "sim" de Maria. É preciso, como Francisco descobrir "*que sou parte de uma imensa vida, que generosa reluz em torno a mim, imenso dom de teu amor sem fim*".

Importa então buscar "ressurgir", despertar, abrir os olhos para aquele núcleo da vida, escutar para além da morte e da vida terrena. A ressurreição é entrar na dimensão eterna do tempo, é entrar numa dimensão essencial de si mesmo, desde agora. E isso exatamente nos faz viver com muito mais sabor, gosto... Viver de maneira mais desapegada e "desentulhada" das coisas materiais, que não são essenciais.

Temos então a tarefa de recriar uma maneira humana de existir, mais atenta à simplicidade e ao núcleo da Vida, abrindo nossos desejos pelo excesso divino que carregamos. Deus é amor e o único mandamento que Jesus nos deixou é amarmos uns aos outros. O amor é a faísca divina entre nós. A identidade profunda do ser humano vem de estarmos juntos e aí descobrir que somos para além do que somos. Vivemos uma situação de pertença mútua. Não nos bastamos. Somos constitutivamente re-

lação uns com os outros e com Deus. Daí a necessidade de ser presença amiga.

Há um projeto de Deus maior para nós. Toda pessoa pode viver assim, o caminho está aberto. Ressurreição não é algo acontecido só com Jesus, mas conosco também. Ela torna possível viver o homem novo e a nova mulher. Nós somos a vida de Jesus hoje.

É preciso captar e experimentar a essência da Vida, a vida de qualidade eterna, que Jesus veio nos mostrar. Vida que tem a marca de Deus, que deixa na gente o desejo de sermos plenamente com ele: amor, beleza, justiça, bondade, misericórdia, ânimo, luz.

Vida eterna é vida nova, nova criação, um novo modo de viver nossa relação conosco mesmo, com Deus, com os outros, com a natureza.

É vida *do alto* que tem *luz* para ajudar a caminhar, para tê-la importa *nascido de novo*.

É o sopro vivificante de Deus em nós, que nos faz viver segundo seu projeto.

É vida com chances para todos, fartura, dignidade e alegria.

Vida aberta ao "mais" que Deus nos convida a ser.

Vida comunitária e pessoalmente desde já, imersa em Deus.

"Vida que o Pai encarregou Jesus de promover: projeto difícil, lento, sedutor".

"Vida que é também empenhar-se pela vida dos sem-vida".

A vida eterna é força de imprevisível energia, fonte de rejuvenescimento, raio de luz na pessoa e entre as pessoas na comunidade.

Para vivê-la é preciso abolir o medo, ter coragem.

Assim para termos uma vida com sentido, vida com brilho de eternidade, temos de ir acompanhando Jesus na busca daquele que é a Verdade de nossa vida. Fazer exercícios diários de experiência de Deus, a partir da contemplação do evangelho, da leitura orante da Palavra, do silêncio e da escuta para perceber os sinais de vida nos fatos cotidianos. Orientar nossa busca pelo que vemos de Deus no rosto de Jesus de Nazaré. Não se trata de fazer de Jesus um outro Deus, mas de entender o mistério do Filho e deixá-lo ser luz em nós e entre nós.

Esta é a nossa identidade fundamental de cristãos e cristãs. Amarmos e preocuparmos uns com os outros é condição para sairmos do tédio e da apatia. Ser presença do Deus amigo e ajudar as pessoas a fazerem experiência de Deus, Senhor da vida, é nossa missão hoje.

3. MOMENTO DE TESTEMUNHO DOS CRISTÃOS

A passagem dos 2000 anos do nascimento de Jesus é um momento simbólico importante para repensar a Igreja: o que fizemos no passado, sobre o que somos e fazemos no presente e sobre os projetos que temos para o futuro. Um dos testemunhos mais negativos que damos é a falta de unidade entre as várias Igrejas cristãs e as disputas internas. Como Igreja devemos tomar consciência do momento de mudanças que es-

tamos vivendo e ir dando nossa contribuição para a realização do ser humano e para a humanização do mundo. A carta apostólica do Papa João Paulo II *Tertio Millennio Adveniente* incentiva a Igreja a refletir sobre seus desafios.

Podemos apontar desafios na vida interna da Igreja e na missão externa, na sociedade. É importante visualizarmos o futuro, as características da Igreja que devemos construir.

Há autores que colocam a questão da democracia na Igreja como desafio central, do qual vai depender sua revitalização interna e sua credibilidade externa. Amamos a Igreja, mas reconhecemos que ela é uma instituição que carrega um peso secular. Herdamos do império romano e do feudalismo medieval uma estrutura monárquica, com postos escalonados, não eletivos, vitalícios e de responsabilidade vertical, com cerimônias e vestes aristocráticas. Essas características não combinam com o espírito evangélico. Jesus tinha um tratamento humilde, gratuito e igualitário para com todos. Era serviçal e denunciava os sacerdotes e doutores da lei que abusavam do poder. Em muitos momentos de sua história, a Igreja buscou de novo a simplicidade evangélica. O Concílio Vaticano II consagrou a Igreja como Povo de Deus, onde todos têm igual dignidade. Mas a mudança de mentalidade é algo lento.

A democracia é considerada uma conquista irrenunciável da humanidade e faz parte da sensibilidade atual. Aos poucos o espírito democrático vai permeando as estruturas eclesiais. Um aspecto surpreendente é que apesar da estrutura autoritária, existem liberdade e pluralismo na Igreja. Como podemos concretizar um modo de governar a Igreja mais livre e participativo? Como desenvolver estruturas eletivas e deliberativas, cargos mais flexíveis? Devemos respeitar o princípio que a autoridade vem de Deus, mas não sacralizar um modo concreto de exercê-la. A gestão da autoridade pode e deve ser feita de modo mais participativo e democrático.

A impressão que a gente tem é que nós leigos ainda não conseguimos plena cidadania dentro da Igreja. Muitos não temos consciência de que nós constituímos a Igreja. Os conselhos pastorais,

quando existem, geralmente têm um funcionamento precário. Ali, com diálogo e horizontalidade é que deveriam ser decididas as questões pastorais. Principalmente quando são de nível interparoquial (setores, foranias, regiões, etc.), a tendência é a baixa frequência dos conselheiros-padres e maciça frequência dos conselheiros-leigos. Passa-se a imagem de que, quando há leigo participando, a reunião não é importante. Sentimos que, talvez inconscientemente, haja no meio dos padres um menosprezo à participação dos leigos. Essa atitude enfraquece a corresponsabilidade e o poder de decisão dos conselhos.

Novas relações entre padres e leigos

As relações entre padres e leigos é uma questão delicada. Os leigos estão sempre manifestando desejo que haja menor distância e mais acolhida por parte dos padres. Querem diálogo e uma relação mais fraterna. Que os padres acreditassem mais na potencialidade dos leigos, na corresponsabilidade, na parceria, apostassem mais na participação.

Para cada padre na Igreja do Brasil, temos uma média de 50 leigos, leigas e religiosas, envolvidas no ministério pastoral. *A grande maioria destes 400 000 agentes pastorais é composta por mulheres.* Em geral todos desempenham suas tarefas com responsabilidade, generosidade e entusiasmo. Com amor e dedicação eclesial. O sacerdote tem uma vocação e uma missão cuja radicalidade é específica, por causa de sua ordenação, de seu engajamento por toda a vida e também pelo celibato. Há uma complementaridade das funções entre eles. O ministro leigo enviado em missão só tem sentido se exerce seu ministério em comunhão com o sacerdote, e vice-versa. Não há oposição, como se o que fosse confiado a uns, fosse tirado de outros.

111

Entretanto, este leigo agente de pastoral, não está mais na posição de cristão comum. A relação não pode ser mais reduzida a de pastor e seus fiéis. Essas novas relações mútuas exigem novas maneiras de gestão eclesial. Uma figura nova da colaboração pastoral, é o que procuramos. Que Deus nos livre, os leigos, de assumirmos atitudes conquistadoras, reivindicadoras e até autoritárias. Que livre os sacerdotes da tentação de um recuo defensivo a fim de manterem sua distância, autoridade e poder. É tão bonita a colaboração harmoniosa de atividades complementares, que deixa ao sacerdote o lugar simbólico e real que lhe cabe na comunidade cristã e aos leigos a liberdade de uma participação corresponsável.

Respeito mútuo e reconhecimento é o mínimo que se pode esperar, pois somos homens e mulheres empenhados na mesma missão. Nós leigos não somos simples executores, mas participantes, merecemos ser ouvidos com atenção e levados em consideração. A dimensão de comunhão na mesma fé, deve predominar sobre a de subordinação. Somos irmãos e não pastor e ovelhas. Só uma comunhão viva, permite vencer a vontade de poder que se acha no fundo de todos nós. Delicadeza na relação para não ferir susceptibilidades. Chega do dualismo clero/leigos, procuremos complementariedades e não oposições.

E Deus sonhou para nós grandes coisas... As novidades da proposta da evangelização pelo serviço e participação na sociedade.

Há um grande anseio e alegria de participação dos leigos na Igreja. Sabemos que nossa missão principal é a evangelização do mundo, mas para isso nos sentimos desorientados, impotentes e despreparados. O risco é sermos cristãos para dentro, de sacristia, e não para fora, no mundo. A tarefa de solidariedade com

os pobres e de luta política pela justiça social é um sinal indispensável da missão da Igreja hoje. Não é tarefa só dos leigos, a presença dos padres é importante porque muitas pessoas têm dificuldade de ver a dimensão da fé no político e na luta pela justiça.

Grupos de cristãos (leigos, religiosos, padres) estão desenvolvendo uma maneira nova de atuação para fora da Igreja. Descobrem a caminhada de evangelizar este mundo tão machucado de hoje através de gestos de serviço aos pobres e da participação para a transformação da sociedade. Nessa caminhada andam com o coração cheio de alegria e leveza. Por que será? Este trabalho social e político não é justamente um trabalho desgastante e cansativo? Claro que é. Mas têm aí alguns segredos que o torna mais leve.

A primeira e mais forte "novidade" da proposta é a mística. O agente evangelizador pelo serviço e participação na sociedade o faz a partir de uma profunda experiência de Deus. A partir da experiência de *encontrar-se* com aquele que nos acolhe pessoalmente no seu coração de Pai e Mãe. No âmago deste coração cheio de bondade, generosidade, justiça, aprendemos a ser bons, generosos, justos. Nele que é a Fonte da Vida e através de seu Filho Jesus que nos deu a conhecê-lo, aprendemos a trabalhar para que "*todos tenham vida e a tenham de forma transbordante*" (Jo 10,10). Para termos forças e entusiasmo neste trabalho no campo da solidariedade e da justiça (política) contamos com o Espírito que nos dá lucidez e ânimo novo. É uma mística de "entrar em comunhão" com a Trindade Santa, conosco mesmos, com os outros, especialmente os pobres e sofredores, e com toda a natureza. Essa é a essência da espiritualidade cristã. Vivê-la nos faz mais livres, leves como o Espírito, nos faz mais felizes. Essa experiência produz em nosso coração a sensação de sermos "bem-aventurados".

A segunda novidade da proposta é juntar as ações de solidariedade e assistência aos pobres com as ações no campo da participação política para atingir as causas da injustiça. Este é um grande desafio, porque estas ações tradicionalmente aparecem separadas. A assistência aos pobres é praticada desde as primeiras comunidades cristãs pois como dizem os Atos dos Apóstolos "*não havia necessitados entre eles*". Aos poucos a Igreja foi descobrindo que quando os sistemas sociais são injustos e excludentes, a caridade tem que tomar forma de ação política para transformar as estruturas. Mas até hoje, infelizmente muitos que se dizem católicos desconhecemos esta exigência da nossa fé.

Por que estas duas ações devem estar unidas? — Porque no fundo fazem parte do mesmo impulso vindo da identidade profunda do cristianismo: Jesus sabendo que ia ser morto, deixou seu testamento: "*Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto reconhecerão que são meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*" (Jo 13,34). Como podemos ver um outro sofrendo e passando necessidade e permanecer indiferentes? O critério de nossa participação política é o pobre. E isto não pode ser delegado a um grupo ou pastoral, é responsabilidade de toda a comunidade cristã. "Uma comunidade indiferente ao sofrimento dos irmãos, não é digna de celebrar a Eucaristia."

A terceira novidade da proposta é a articulação em rede dos grupos, pastorais, movimentos e associações cristãs que atuam no campo social e/ou político. No ano 2000 estamos tendo a graça e a oportunidade de fazer a primeira Campanha da Fraternidade ecumênica no Brasil. Propõe-se o trabalho conjunto unindo as diversas Igrejas cristãs, na defesa dos excluídos. Isto significa que teremos de abandonar nossos preconceitos mútuos, de

achar que somos melhores que outros, que uns são mais ou menos progressistas, mais ou menos assistencialistas, etc. Esta articulação interna e externa propiciará uma presença pública dos cristãos na sociedade de forma muito mais visível. A articulação em rede é mais democrática e horizontal, não têm um presidente que manda e outros seguem. Na rede todos tem igual dignidade, responsabilidade e poder de iniciativas.

Essas três "novidades", representam uma mudança de mentalidade na ação tradicional da Igreja. São uma maneira de explicitar a ligação entre fé e vida. Resumindo, os principais desafios de uma presença pública dos cristãos na sociedade, nos anos 2 000 são:

- vivenciar uma mística profunda como experiência de *entrar em comunhão* com Deus Trinitário, conosco mesmos e com os irmãos, especialmente os mais empobrecidos;
- unir os trabalhos de solidariedade com os pobres e de participação política para transformar a sociedade destacando que isto é responsabilidade de todos e não de grupos isolados;
- formar uma *rede* em que se articulam todos os grupos, movimentos e pastorais que atuam no social e na política, e em que se articulam também grupos de outras denominações cristãs, visando formar uma frente única em favor da dignidade da vida e da paz;
- sustentados no tripé: solidariedade, justiça e mística, podemos ir longe. Afinal, Deus sonhou para nós grandes coisas!

A Igreja que devemos construir

Atenta ao mundo em mudanças, à perplexidade das pessoas, às dificuldades nas relações internas e à nossa presença pública, vamos descobrindo novas maneiras de ser Igreja no século XXI. Vamos visualizando, entre as múltiplas facetas da eclesialidade, aquelas que correspondem

mais às exigências e carências atuais, aos sinais dos tempos. As características abaixo foram apontadas num debate em Belo Horizonte, sobre o futuro da Igreja. A Igreja que devemos construir é:

Igreja Escutante: contemplativa, orante, mística, atenta à espiritualidade. Que cultiva a escuta, o silêncio, o encontro pessoal e profundo com o Pai. Só a redescoberta da experiência de Deus, pode nos levar de volta à simplicidade evangélica, tão necessária neste mundo sofisticado e consumista. Só a vivência da comunhão com Deus, conosco mesmos e com os outros, pode nos dar força para a missão de sermos uma Igreja plural e dialogante, misericordiosa e acolhedora, anunciadora e com forte presença pública, participativa e também criadora de comunhão. Para concretizá-la, devemos criar momentos que privilegiem o silêncio e a escuta, criar pontos de peregrinação e itinerários espirituais, retiros, encontros, troca de experiências que levem a uma fé madura, sempre alimentada pela formação baseada na Bíblia.

Igreja Presença visível e pública junto aos pobres e por eles na ética, na política e justiça social. Presença misericordiosa, acolhedora, hospitaleira com os socialmente excluídos: crianças desprotegidas, população de rua, desempregados, sem casa... Também com os moralmente "perdidos": prostitutas, mães solteiras, recados, homossexuais... Igreja mais enxugadora de lágrimas que apologética; mais humana e sensível ao sofrimento dos outros, mais tolerante e generosa. Misericórdia é a mais divina das virtudes e a que mais humaniza as relações entre as pessoas. O rosto da Igreja-presença misericordiosa deve ser visível nos lugares mais escondidos: debaixo dos viadutos, nos barracos da periferia, nas favelas e ruas mas também nos meios de comunicação social. Ser presença de Deus amigo.

Igreja Anunciadora: evangelizadora, que dá testemunho da fé, missionária, alegre, que faz ouvir a voz profética. Anunciar o Evangelho é estar à serviço dignidade da Vida e da esperança, como Jesus. Igreja que não está instalada, acomodada na rotina, mas voltada para fora, não para si mesma. A mensagem anunciadora é mais bíblica que doutrinal. É profética, oferece sinais antecipadores do Reino, estimula o inconformismo da fé, a indignação ética diante das injustiças. Igreja anunciadora é uma Igreja da esperança, que alimenta os sonhos das pessoas, que aponta um sentido para a vida, que apresenta uma palavra que ilumina, que conduz à bondade, à ética nas relações, à paz.

Igreja Dialogante: com as outras Igrejas, com a cultura urbana, com a ciência, com a política. Aberta e dialogante também com o mundo jovem, com as famílias. Igreja de mais diálogo interno entre os movimentos, CEBs, pastorais, associações. Só uma postura de diálogo e pluralidade interna pode nos preparar para o diálogo ecumênico e interreligioso, tão necessário e exigido pelo mundo atual. Quem vai acreditar no anúncio do amor do Pai, um amor que não exclui ninguém, se produzimos disputas internas e não nos unimos para construir um mundo mais justo, fraterno e de paz? Igreja caracterizada pela pluralidade de expressões de nossa fé única, de estruturas eclesiais, de ministérios leigos. Desapego e humildade são condições para o diálogo.

Igreja Participativa: de partilha, parceria e comunhão entre os seus membros. Onde não haja distâncias entre padres, leigos, religiosos. Participação é uma aspiração fundamental nas sociedades contemporâneas. Neste novo século precisamos urgentemente criar estruturas mais participativas na Igreja, encorajando a participação e a corresponsabi-

lidade na tomada de decisões. Valorizando a presença ativa e o voto dos leigos nos conselhos pastorais, em assembleias, sínodos. Criando áreas pastorais mais amplas, coordenadas por uma equipe, com espaço para novos ministérios leigos e transformando paróquias centralizadas em redes de comunidades. Valori-

zando a presença majoritária das mulheres entre os agentes pastorais, que vão aos poucos, com generosidade e entusiasmo, esboçando um novo rosto para a Igreja. É preciso aprender a *entrar em comunhão* uns com os outros, e depois a jogar-se juntos na missão de *criar comunhão* entre nós e no mundo.

BREVE CONCLUSÃO

Neste momento de passagens e mudanças, o essencial de nossa missão é *ser presença amiga e norteadora de sentido da vida* no lugar onde a gente vive. Para "ser presença" precisamos, antes de tudo de "estar em presença", estar em comunhão profunda com Aquele que nos cria a cada momento. Aquele

que nos desperta para o sopro de vida eterna que carregamos e que nos faz descobrir que somos muito mais do que somos. Há um excesso de divino em nossa humanidade, que nos dá uma capacidade inexplorada de amarmos uns aos outros. O futuro está cheio de esperança.

BIBLIOGRAFIA

- CASTELLS, M. Megápolis — *Oportunidade da grande cidade na era da informática* — Crônicas do CELAM — 1999.
- CNBB. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas — Documentos da CNBB n. 62, Paulinas, 1999.
- CNBB. *Dignidade Humana e Paz* — Texto-base da CF-2000 Ecumênica — Ed. Salesianas, 1999.
- COTA, Terezinha das Neves, *É tua face que procuramos — A contribuição da teologia Feminista para a relevância do Mistério Trinitário na atualidade*. Dissertação de Mestrado, CES/ISI, Belo Horizonte, 1999.
- GRUEN, W. *Uma Igreja que acredita — Evangelho segundo João* — apostila 1999.
- KONINGS, J. *O Evangelho segundo João* apostila CES/ISI, Belo Horizonte, 1999.
- QUEIRUGA, A. T. *O cristianismo no mundo de hoje* — SP, Paulus, 1994.
- SEBOUTÉ. *Não tenham medo! Os ministérios na Igreja de hoje*. SP. Paulus, 1998.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Considerando as mudanças em curso no mundo atual o que você considera essencial na missão do cristão hoje?
2. Para você o que é a mística da vida eterna?
3. Que tipo de Igreja devemos construir no limiar do século XXI?

 ROSINHA BORGES DIAS
Leiga engajada na Pastoral urbana.
Colabora com a Equipe do Projeto "Construir a Esperança" da Arquidiocese de Belo-Horizonte.

Endereço da autora:
Rua Ipê Branco, 467 — Retiro das Pedras
Caixa Postal: 3173
CEP: 30140-970 — Belo Horizonte / MG

O Segredo de Jeremias

Derrota e Fracasso como Fonte de Resistência nas “Confissões”

MASSIMO PAMPALONI S.J.

INTRODUÇÃO

“Como esse homem, que encontra tantos problemas no seu ministério, pôde seguir até o fim esse caminho onde se via abandonado por Deus, assumindo seu estado acabrunhador com uma obediência aparentemente sobre-humana?”¹ Com esta pergunta procuramos interrogar o profeta Jeremias. Por que ele e por que esta pergunta?

Sobre Jeremias temos uma grande abundância de dados biográficos, e isso faz que se estabeleça uma simpatia imediata, uma certa “camaradagem”, um sabor do já conhecido. Mas entrando nos infortúnios do profeta de Anatot um pouco mais a fundo, a simpatia se transforma em estupor, e a pergunta que aflora aos lábios é: “...possível?”. Possível que existam na Bíblia versículos como aqueles que se encontram no capítulo 15, onde Deus é chamado por Jeremias “torrente infinda” ou ainda no capítulo 20, onde num paroxismo de dor, Jeremias chega a acusar Deus de tê-lo enganado e a amaldiçoar o dia do próprio nascimento?

Jeremias, em virtude da sua missão profética, foi estrangido ao celibato, à solidão, a arriscar a vida, a passar por impostor, traidor, desertor... Sentimos em suas desventuras uma “vizinhança” — ao menos, no sentido de como, talvez, as coisas deveriam ser — com a Vida Religiosa (VR). Nesse contexto de grandes mudanças, no interior da vida consagrada, pareceu-nos um tempo bem empregado interrogar Jeremias, tentar introduzir-nos na sua escola para encontrar luzes e idéias que possam ajudar-nos neste caminho de refundação, que a Vida Religiosa está atravessando. Mas não só. Acreditamos, de fato, que a situação da Igreja em geral tenha pontos de contato, muito mais que formais ou mesmo só hipotéticos, com a situação vivida por Israel na experiência do exílio. Voltar a Jeremias é, portanto, uma tentativa de leitura dos sinais dos tempos, buscando na história e nas palavras do profeta, inspiração e — por que não? — úteis ensinamentos.

1. G. VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, vol. II, São Paulo, ASTE, 1974, p. 197.

Portanto, eis aí porque Jeremias? Mas por que exatamente esta pergunta? Acreditamos que a reflexão sobre o profeta que, talvez mais do que todos, carregou sobre si o sofrimento e a incompreensão, seja de extrema atualidade, cercados como estamos de várias terapêuticas e inclusive teologias da prosperidade e do bem-estar. Não acreditamos, contudo, estar demasiado longe da verdade, afirmando que tal mentalidade, mais o menos sub-repticiamente, entrou também na Vida Religiosa. Por um lado, não estranha porque o "material humano" não é melhor nem pior; somos filhos do nosso tempo e isto vale também para quem escolhe a consagração da própria vida a Deus. Por outro lado, o que preocupa é que essa mentalidade está sendo justificada também a nível de teologia, ou seja, de opções explícitas de fé. Os exemplos se multiplicam. Voltar a falar da dor e do sofrimento, da derrota e do fracasso como lugares não só teológicos, mas também reveladores da salvação, como mínimo, pode implicar em ser considerados como profetas da desventura, exagerados, talvez um pouco enfermos. Como Jeremias, precisamente.

Jeremias e a Vida Religiosa: isto é um dos mil aspectos que o profeta de Anatot poderia sugerir; é precisamente o que escolhemos, tratando de responder a duas situações.

A primeira: é possível encontrar no sofrimento e na derrota algum sentido, ou são coisas das quais é preciso defender-se e fugir a qualquer custo? A Vida Religiosa encontra-se diante de tantas

situações, que seria desleal e perigoso — para não dizer: ridículo — não chamá-las com o seu verdadeiro nome: derrotas². O que fazer? O fracasso é algo de totalmente estranho àquele que se diz discípulo do protagonista do maior "fracasso" da história humana? Ou a coragem de fracassar é algo que deve ser des-, coberto *também pela VR?*³

A segunda: como enfrentar a derrota e o fracasso, inerentes à missão apostólica e religiosa? A reflexão sobre os infortúnios de Jeremias se nos apresenta ainda mais pertinente, se pensamos que todos os seus sofrimentos são consequência do chamado de Deus.

A resposta à pergunta inicial será uma tentativa de indicar pistas para a leitura dessas duas situações antes delineadas, que acreditamos sejam o quadro referencial do nosso objetivo. Para a resposta escolhemos o coração do livro de Jeremias: as assim chamadas "confissões". Essas composições, originariamente, com toda probabilidade, fazendo parte de uma coletânea à parte e inseridas nos capítulos de 11 a 20 por razões desconhecidas, são consideradas pela maior parte dos autores como aquilo que é de mais próprio do profeta de Anatot.

Destacamos algumas pistas de resposta que podem ser concentradas em um único ponto: não obstante, tudo aquilo que lhe acontece, Jeremias *jamaiz cessa* o diálogo com Deus: não só "não deixa de rezar", mas sobretudo não teme abrir totalmente a sua consciência a Deus até ao limite, talvez superado, da blasfêmia. *Depois de um quadro geral* dos in-

2. Um campo que seria até muito fácil de especificar, é, por exemplo, o da formação. Cf. C.Boff, "Considerações Indignadas' sobre a formação religiosa hoje", *Convergência*, 34 (1999 - nº319) 37-47.

3. Cf. J.VITÓRIO, *A coragem de fracassar. A vida religiosa aprende com as parábolas evangélicas*, Rio de Janeiro, CRB, 1998 (Cadernos da CRB 24). Gostaríamos de inserir-nos na linha traçada nesse livro, trazendo uma contribuição posterior de reflexão, fazendo nosso o objetivo expresso pelo autor na introdução: «recuperar a alegria e o otimismo no coração de quem se consagrou a Deus para estar a serviço do Reino e faz a experiência de ver seus projetos fracassarem, e estimular a quem está bloqueado pelo medo ou pela insegurança a ter coragem de fracassar», *Ivi*, 8.

fortúnios de Jeremias, vamos dedicar-nos a um breve "passeio" pelas *confissões* em que trataremos de especificar as linhas portadoras dessas belíssimas composi-

ções. *Finalmente*, buscaremos responder à pergunta inicial sobre o "segredo" de Jeremias, procurando nele uma possível "tradução" para a Vida Religiosa, (e não só).

I. PROFETA DE UMA NAÇÃO AGONIZANTE

Muito jovem, Jeremias recebe a vocação profética. Muitas são as conjecturas feitas sobre como teria enfrentado esse chamado. A única coisa que podemos pensar, com certa segurança, é que Jeremias não se sentia atraído para tal missão. "Deus, porém, não admite desculpas e encomenda ao seu mensageiro a tarefa mais difícil: a de transmitir a sua palavra em uns anos cruciais e trágicos da história de Judá"⁴.

São anos difíceis e Jeremias viverá exatamente no coração da catástrofe, no ponto mais baixo a que chegou o povo eleito, o momento mais obscuro da sua história. Jeremias vê passar cinco reinados, que de algum modo podem dividir as etapas de sua vida; e é assim que, normalmente, o profeta Jeremias é apresentado cronologicamente.

O reino de Josias

De 627 a 609, Jeremias atua sob o reinado de Josias, provavelmente participando daquele grande movimento de reforma, proposto pelo rei. Em 609, durante uma batalha contra os Egípcios, Josias é assassinado, abrindo assim uma grave e profunda crise teológica. De fato, um rei tão santo, que não se via desde os tempos de Davi, cheio de zelo e amor para com YHWH e a sua Torah, extirpador da idolatria e restaurador do culto ao verdadeiro Deus, morre jovem e em pleno vigor: ou seja, de uma morte mais parecida à de um pecador que à de um santo.

A morte de Josias é um duro golpe à "teologia da retribuição" que vigorava até então. Segundo essa teologia, aquele que seguia as leis do Senhor era infalivelmente abençoado e próspero. E quem não o fosse, claramente esse era um sinal de que era pecador, merecendo os castigos de Deus. A morte de Josias, portanto, fez a teologia oficial entrar em crise, e os sucessivos acontecimentos não farão mais do que confirmar tal constatação.

O reino de Joaquim

Depois da morte de Josias, seu filho Joacaz é exilado no Egito e é colocado no trono um outro filho seu, Eliacim, ao qual, para deixar bem claro quem comanda, o faraó egípcio Nekaô muda o nome para Joaquim, sublinhando-lhe assim a relação de vassalagem. Com Joaquim (que reina de 609 a 598), retorna-se ao pior estilo de seu antecessor Manassés. A vida luxuosa e viciosa do rei tem como consequência imediata o aumento da carga tributária, vitimando o povo e submetendo-o a todo tipo de abuso e de injustiça, fatos inevitáveis que acompanham toda política do gênero. E marca também o início das dores para Jeremias, que tem em Joaquim talvez o mais duro confronto de todos os cinco reis.

Nesse período, acontece o episódio da tentativa de homicídio que os mesmos parentes do profeta tentam cometer em seus enfrentamentos, em Anatot. Isto aparece por ocasião da primeira

4. Cfr. L.A.SCHÖKEL-J.L.SICRE DIAZ, *Profetas*, vol. I: Isaías, Jeremias, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 415.

confissão. O profeta se confronta, então, com o Templo, onde a insistência no culto e no próprio Templo tinha feito “esquecer” a prática da justiça: o resultado é que quase o matam, e só consegue salvar-se, graças à amizade de Aicam, sobrinho de Safã.

A construção de um novo e luxuosíssimo palácio por parte de Joaquim, com as consecutivas e terríveis injustiças, cometidas para cobrir-lhe os custos, é a ocasião de uma vibrante denúncia de Jeremias. Através da pregação, anuncia o castigo que está para abater-se sobre o país: a panela política do Norte está para derramar-se sobre Judá, e a Babilônia será o instrumento escolhido por Deus para tal castigo. Tudo isso com fortes gestos simbólicos, envolvendo sua própria vida: não se casa, não vai a funerais, desentende-se com outros profetas, passa a ser escarnecido, ultrajado, maltratado, posto na prisão, acusado de ser um impostor.

Em síntese, um homem como Jeremias acaba por ser incômodo para todos. Alguns respondem-lhe com escárnio e maldições, outros com perseguições. Por causa da Palavra, faz-se um vazio ao seu redor. Como qualquer um percebe, a missão profética colocou Jeremias em condições de gozar bem pouco da vida. Essa missão o obriga a uma existência afetivamente solitária, o que para um homem inclinado à comunhão com os outros, como parece ter sido, é ainda mais pesado.

A passagem do reinado de Josias ao de Joaquim foi, portanto, decisiva para a vida de Jeremias. “É bem provável que pertençam a esses anos as ‘confissões’, textos nos quais desabafa perante Deus com sinceridade e rebeldia, semelhantes às de Jó”⁵.

Mas o castigo está chegando, mais ou menos, por volta do ano 600, Joaquim revolta-se contra a Babilônia: “Depois de três anos de falsa fidelidade, sua ambição sem limites e sua falta de prudência política levaram-no a tentar sorte diferente, renunciando à sua lealdade. Nabucodonosor, que, naquele momento, deve ter tido problemas mais sérios em suas mãos para cuidar, revidou, enviando bandos de guerrilheiros caldeus, arameus, moabitas, etc., para mantê-lo ocupado até que ele próprio estivesse em condições de tratar do caso efetivamente (2 Reis 24,2). Em meio a tais complicações, Joaquim morreu, deixando sua viúva e um filho de dezoito anos, e sua infeliz pátria, para colher as conseqüências de sua perfídia e estupidez”⁶.

O reino de Sedecias

Morto Joaquim, em circunstâncias não conhecidas, Joaquim sobe ao trono em 597, mas pouco depois de três meses, Nabucodonosor toma a cidade e manda ao exílio a “*inteligência*” de Judá, incluindo o rei; e é elevado ao trono Sedecias, uma personalidade não malvada, mas extremamente frágil e influenciável. A conjuntura histórica teria pedido bem mais outras qualidades pessoais.

Os primeiros anos decorreram sem grandes traumas; mas é debatido um espinhoso problema teológico: não é suficiente ser povo de Deus para gozar de sua incondicional fidelidade e proteção? Eis a resposta que era dada: aqueles que foram exilados eram pecadores; nós, que estamos salvos do perigo, não. Jeremias, ainda uma vez, intervém para “estragar” a festa e a tranqüilidade: com a imagem dos figos transtorna totalmente a situação: os figos estragados são

5. L.A.Schökel-J.L.Sicre Diaz, *op. cit.*, p. 419.

6. J. SKINNER, *Jeremias: profecia e religião*, São Paulo, Aste, p. 227.

precisamente os que ficaram. Escreve uma carta aos exilados, exortando-os contra os falsos profetas, que pregavam um rápido retorno, a tomar as coisas com calma, porque o exílio será longo.

Jeremias havia previsto a queda da cidade (34,1-17), mas uma momentânea retirada do exército babilônico, após uma batalha com os egípcios, é lida como uma vitória decisiva. E, para o nosso Jeremias, uma ocasião a mais para figurar como falso profeta. É encarcerado e acusado de desertor, por ocasião de uma viagem a Anatot. Quando retornam os babilônios, ele continua a anunciar a queda de Jerusalém, mas sobretudo uma incondicional rendição a Nabucodonosor. É compreensível que atraia para si o ódio de todos, um ódio crescente, que chega inclusive à tentativa dos militares de matá-lo, lançando-o numa cisterna, de onde só será salvo com a intervenção de Ebed-Melec, um etíope amigo seu, que intercede junto ao rei, obtendo a sua prisão no átrio da guarda do palácio.

Os babilônios estão para entrar na cidade, reduzida ao extremo: a catástrofe está para abater-se sobre todos. Mas, precisamente aqui, temos um dos episódios mais desconcertantes de toda a Bíblia: Jeremias faz um gesto totalmente absurdo: "Seu primo Hanameel apresenta-se no átrio da guarda, pedindo a Jeremias que lhe compre o campo de Anatot. É a coisa mais absurda para um homem que leva anos anunciando a catástrofe e o exílio; é o pior investimento num momento de crise. No entanto, Jeremias vê nisso uma mensagem de Deus cheia de esperança. "Comprar-se-ão campos nesta terra... porque eu mudarei a sua sorte" (Jr 32,44)⁷. É um gesto

de inabalável confiança em Deus, feito não na fácil esperança das primeiras horas da manhã, quando, ainda as trevas se estendem em volta, mas a chegada da luz já está próxima. Jeremias faz esse gesto quando a noite ainda é profunda. Para usar uma imagem muito sugestiva, Jeremias é o homem "da meia-noite". "Andar além da meia-noite: eis a experiência através da qual Jeremias realiza seu destino profético"⁸.

Em 19 de julho de 586, os babilônios irrompem sobre Jerusalém; a cidade é destruída, o templo incendiado, a população dividida em três grupos: aqueles que permanecerão livres, aqueles que serão deportados, os que serão julgados pessoalmente por Nabucodonosor. Sedecias sofre o atroz destino reservado aos vassalos que se rebelam. Na confusão do momento, Jeremias é tomado como prisioneiro, mas logo, reconhecido, é libertado e lhe é dada livre escolha: ele decide permanecer com Godolias, da família amiga de Safã, que assume o governo, sob os olhos vigilantes de uma guarnição babilônica.

Serenidade em Mispa

Godolias começa uma série de iniciativas de reorganização que, talvez, se não tivesse sido assassinado, teria conseguido um certo sucesso. É razoável supor que o próprio Jeremias "tenha reconhecido neste remanescente humilde e castigado, que emergia das convulsões da dissolução nacional, o núcleo do novo povo de Deus, em que a religião encontraria sua expressão perfeita"⁹. O templo de Mispa, para onde Godolias havia transferido sua residência — porque a vida, na Jerusalém destruída, tornava-se quase

7. L.A.Schökel-J.L.Sicre Díaz, *op. cit.*, p. 421.

8. A.NEHER, *L'essenza del profetismo*, Casale Monferrato, Marietti, 1984, p. 190.

9. J.SKINNER, *op. cit.*, 255.

impossível —, talvez tenha sido um dos poucos oásis de serenidade de Jeremias. É possível ainda pensar em um período de grandes esperanças, marcado pelas colheitas superabundantes e pela promessa da política inteligente de Godolias. Qualquer que tenha sido o motivo, o assassinato de Godolias traz de volta novamente a confusão, dessa vez irreparavelmente. O pânico aumenta e muitos fogem para o Egito, temendo a vingança

dos babilônios. Jeremias e torçido a seguir os fugitivos, e desaparece, devorado pela história, com o paradoxal destino de morrer precisamente no Egito, contra o qual tinha profetizado a vida inteira.

Dessa vida atormentada, destacamos situações para colocar ao profeta a pergunta que fundamenta nossa reflexão: como Jeremias conseguiu realizar até o fim sua missão profética em meio a esses esmagadores acontecimentos?

II. O CORAÇÃO EM CHAMAS

“Jeremias passou por situações muito diversas, entrou em contato com pessoas muito diferentes, atravessou momentos de entusiasmo e de desânimo. Ele pode nos ensinar muita coisa a respeito da vocação e das suas crises, sobre a perturbação diante dos falsos profetas, sobre a idolatria, o falso culto de Deus, as injustiças”¹⁰, mas também — e é a perspectiva na qual nos movemos —, alguma coisa para a Vida Religiosa de nossos dias.

Para desenvolver estes questionamentos, escolhemos as assim chamadas *confissões* de Jeremias, em que o profeta — talvez o único entre os profetas e, em todo caso, o primeiro no Antigo Testamento — se revela numa extraordinária abertura da própria consciência e das contradições que lhe estão acontecendo.

Começa a perseguição (Jr 11,18.[12,6].19-20.[12,3].21-23)

A reforma de Josias havia centralizado o culto em Jerusalém, fechando quase todos os santuários locais. Em Anatot havia um; é fácil imaginar que os sacerdotes locais, aos quais a família de Jeremias pertencia, perderam, então, a principal fonte de renda. Poderia, assim, ser explicada a tentativa de vingança sobre Jere-

mias, que quase certamente apoiou a reforma. De qualquer modo, mais do que o motivo, interessa-nos destacar o *fato*. Improvisavelmente, de surpresa, Jeremias faz a *experiência da rejeição*, como consequência de seu ministério. E, o que é pior, da rejeição de sua própria família. É comvente pensar na confiança total com a qual Jeremias vai ao encontro de seus familiares e percebe, graças a uma interior inspiração por parte de Deus, que as mãos estendidas para abraçar, na realidade, estavam prontas para matar. É interessante ver como Jeremias narra esse acontecimento não a modo de crônica, mas em forma, podemos dizer, quase que de “notas de súplica”.

É notável a dimensão da prece como perspectiva de leitura de um fato tão chocante como o complô de Anatot.

A questão da retribuição (12,1-2.4c-5)

Estarão estes versículos ligados ao episódio precedente? Tranqüilamente, podemos ler esta pergunta a Deus como uma possível consequência do atentado de Anatot, embora não necessariamente imediata, ou como resultado de uma série de episódios do gênero; poderiam ter sido — experiências desfalecedoras como aquela — a ocasião para

10. L. A. Schökel-J. L. Sicre Diaz, *op. cit.*, p. 423.

C O R A Ç Ã O E M C H A M A S

desabafar com Deus as tentações contra a fé, causadas pela abundância e prosperidade dos ímpios, pergunta clássica que atravessa toda a Escritura.

Diante do *escândalo* dos maus, que parecem prosperar, Jeremias, não isento de uma sutil contestação, dirige a Deus uma pergunta incômoda. Não é um interesse especulativo que move Jeremias: ele está provando em sua pele — *e como consequência da vocação profética* — os êxitos da maldade e da hipocrisia dos homens.

Deus responde ao profeta, perguntando-lhe o que acontecerá quando o jogo se tornar verdadeiramente duro. Coisas bem piores o esperam. Implicitamente, podemos ler aqui um convite à confiança? Certamente, o fato de estar colocada aqui a resposta de Deus, com esse terrível contraste em relação à pergunta, sugere-nos que Jeremias acolhe tal resposta (ou não resposta). E diante do grande mistério que se avista, a atitude de fé de Jeremias é surpreendente.

Seguir Deus, então, significa entrar no sofrimento?

Crise de vocação (15,10-11.15-21)

Se bem que — como dissemos — provavelmente, as confissões fariam parte de uma coleção, sua posição no texto, agora, reveste-se para nós de uma decisiva importância. Destacamos como as confissões, de algum modo, estão sempre ligadas à passagem que as precede.

Esta confissão, que estamos examinando agora, é precedida do versículos 15,5-9. É clara a predominância do “tema materno” nesta passagem, mas sobretudo destaca-se a sensibilidade de Jeremias: os efeitos da destruição são narrados na dor das mulheres: “Viúvas inumeráveis, que choram a morte do marido, e mães,

cuja existência tornou-se repentinamente negra no momento culminante (ao “meio-dia”), pela angústia e susto diante dos jovens filhos mortos, tornam-se os símbolos de uma destruição que se está cumprindo por decreto divino, tanto no front como na cidade”¹¹. A confissão abre-se com um chamado à mãe; vínculo este, não totalmente artificial, mas muito profundo: a presente confissão aparece como consequência daquilo que a precede. A medida da dor está no auge, o profeta atravessa uma profunda crise: levanta-se um terrível grito a Deus.

O que aconteceu? Provavelmente estamos em pleno reino de Joaquim, com as dificuldades e provas que Jeremias está enfrentando. O empenho e o zelo para com YHWH está levando o profeta a retroceder, sob a forma de solidão, escárnio, ameaças, sofrimento. Prevalece o cansaço e a náusea de ser sempre, e de qualquer modo, um homem de desavença, que divide. Ele é plenamente consciente de que, se fosse por ele, nada seria assim. A causa de todo esse sofrimento é *a sua vocação profética*: em resumo, a culpa é de Deus. Jeremias se apresenta fiel na obsequiosa confiança, mas agora parece perto do limite: rememora a alegria espiritual que a Palavra lhe provocou, vindo a seu encontro. Por essa palavra aceitou a solidão, aceitou não se casar... Mas agora? Eis que o lamento com Deus, torna-se — é terrível, mas é exatamente assim — direta acusação a Deus: para mim, te tornaste como uma torrente na qual não se pode confiar (com um retorno à imagem de água viva de Jr 2, 13). O encontro com a Palavra havia acendido a esperança e prometido a alegria: agora, transformou-se em escura solidão e sofrimento. O balanço é feito rapidamente: bons serviços (da parte de Jeremias) mal pagos (da

11. A. WIESER, Jeremias, Brescia, Paideia, p. 265.

parte de Deus); belas palavras, mas ainda sem bem cumpridas. Por que minha dor não acaba? Por que deve ser sempre assim? E aqui, reclamando o dia de seu nascimento, lamentando-se de ter nascido, ele, Jeremias, chamado desde o ventre materno, *está rejeitando sua vocação*.

Ainda uma vez, Deus responde sem dar explicações. Pelo contrário, repete suas exigências de lealdade e confiança. Renova as promessas feitas no início da vocação de Jeremias, reintegrando-o assim ao ministério profético. Podemos dizer mais: Deus responde ao desespero de Jeremias, *trazendo-o de volta à origem de sua vocação*. Jeremias deve retornar ao ponto, no qual Deus iniciou sua relação com ele. Ele deve "retornar" à sua missão, sem a segurança de que não existirão perigos. Aquilo que Deus oferece é a superação da crise através da confiança e da obediência. Em resumo, sentimos ressoar as palavras ditas a Paulo: "minha graça é suficiente para ti".

Incredulidade (17,14-18)

Provavelmente, estamos antes de 597 e as várias ameaças de invasão, que Jeremias está pregando, não se estão realizando. Pesa sobre ele o escárnio e, sobretudo, a acusação de ser um falso profeta, um sonhador impostor. É notável a insistência de Jeremias sobre o fato de que as desgraças anunciadas não são idéia sua: são a mensagem de Deus.

Temos aqui uma demanda de vingança, dura, contra os inimigos de Deus. Quase todos os comentaristas se apressam a esclarecer que é um gênero literário imprecatório, que Jeremias pede a vingança, não pela vingança, mas para que se cumpra a palavra de YHWH, e coisas desse estilo... Mas pensamos que isto é um risco de empobrecer a forte experiência que nos é narrada aqui. Je-

remias está gritando sua dor e sua "raiva" *na presença de Deus*.

Perseguições (18,18-23)

Podemos perceber como os oráculos de ameaça se alternam com as confissões de perseguição. Isto sugere uma ligação entre ambas realidades, e lança uma luz ainda mais interessante sobre as confissões, especialmente na perspectiva de profundos "desabafos". Jeremias é um homem em todas as suas dimensões: tirar-lhe os lados "incômodos", ou minimizá-los, significa diminuir sua própria humanidade. Não nos esqueçamos de que está cercado de perigos, de projetos de morte, diretamente contra ele, *enquanto servo da Palavra* (cfr. v.18). Jeremias "é língua importuna; língua que sustenta uma vida e, por outro lado, se a sua existência é para o serviço da palavra (1,2ss), mister se faz acabar com essa existência, ferindo a sua boca"¹².

Final (20,7-18)

Esta lamentação, a última e a mais terrível, está colocada imediatamente depois do gesto simbólico da "bilha quebrada" e do oráculo da destruição irreparável da cidade. Tal oráculo custa a Jeremias um castigo ordenado pelo sacerdote Phassur: castigo no "*pelourinho*" da cidade, à vista de todos, humilhante e particularmente doloroso. Alguns deduzem que possa ser lida como o desabafo de Jeremias depois de tal castigo. Por outro lado, podemos supor que Jeremias possa ter gritado essa terrível lamentação, quando estava caído na lama da cisterna (cap. 38,1-13). Seria, então, muito compreensível o lamento do profeta: maldito o dia em que nasci, YHWH me abandonou, venceram-no, bela vocação, vá confiar-se das promessas de Deus... Mas eis que chega Ebed Melec, e Jeremias, já na fossa com a morte talvez fechando-se sobre ele, faz a ex-

12. L.A. SCHÖKEL-J.L. SICRE DIAZ, *op. cit.*, p. 520s.

S
C
R
I
P
T
U
R
A

perícia da “ressurreição”: e eis os vv.11-13. Seja como for, é interessante determinos no terrificante desabafo do profeta.

Quem, em seu caminho vocacional ou em retiros com jovens, não terá meditado, ou proposto para a meditação de outros, os versículos iniciais dessa confissão? Mas o teria feito sabendo *exatamente* o que o profeta estava gritando? A nível de “divulgação vocacional”, é costume apresentar esse texto, como acompanhado de passarinhos cantando, música de fundo e um clima idílico: um exemplo de amor irresistível. De fato, nossas traduções, normalmente, por pudor ou por outros motivos, apresentam os termos-chave dessa passagem com palavras que evocam a esfera do namoro “delicado”.

Na realidade, o original hebraico nos diz que Jeremias está acusando Deus de havê-lo seduzido enganosamente, do mesmo modo que um homem sem escrúpulos engana e se aproveita de uma jovem. Deus proíbe Jeremias de casar-se: Ele teria sido a sua esposa, a sua família. Jeremias acredita nessas palavras maravilhosas. E agora se encontra só, no meio do escárnio de todos, suportando violências, no meio da lama escura de uma cisterna, seu provável sepulcro. Eis que o rio incontido de dor extravasa, rompe quaisquer que sejam os diques e se volta contra Deus. Deus é o responsável: e não mediante uma especulação, como quando diante de uma catástrofe natural, aflora aos lábios um “por que Deus permite isto?” Mas aqui a responsabilidade é *clara*: Jeremias encontra-se na lama, a um passo da morte, *porque seguiu exatamente a vontade de Deus*.

Jeremias confessa que tentou “demitir-se” do que lhe foi encarregado, quer recusar. Mas não foi possível: a violência de Deus continuava queimando o profeta por dentro, como um fogo devorador, apoderando-se de seu “órgão retumbante”.

Se, como muitos autores sugerem, as confissões podem ser lidas como um itinerário, tem-se uma impressão muito “dura”, um caminho em direção ao desespero e a uma angústia sempre maiores: Jeremias está, cada vez mais, afundando-se num abismo; ou seja, mais do que penetrar no abismo, é o abismo que entra nele. É inegável que, diante dessa escuridão, Jeremias esteja provando alguma coisa de verdadeiramente “invencível”.

E, de tal forma deve ter sido insustentável, que Jeremias prorrompe numa terrível maldição, tão terrível que beira o grotesco. Aquilo que, na confissão do capítulo 15, era um grito de dor (por que minha mãe me fez nascer?) se transforma aqui numa verdadeira maldição daquele dia, que atinge o desconhecido homem que levou a notícia a seu pai e se transforma num grotesco desejo: de ser morto no seio da mãe e ali permanecer sepultado, para sempre. A confissão termina num grito de angústia e, dessa vez, parece mesmo que não encontra qualquer resposta da parte de Deus que conforte o profeta.

A modo de conclusão deste breve “passeio” sobre as confissões de Jeremias, gostaríamos de destacar um ponto fundamental: Jeremias vive o terrível contraste entre a vocação profética recebida e os sentimentos, as inclinações de seu coração. Compreende que a fidelidade à vocação é responsável por todos os seus sofrimentos; chega mesmo a dizer explicitamente que *Deus é o responsável por eles*. Mas não desiste, não abandona. Qual é, então, o segredo de Jeremias para ter resistido até no fundo? Onde se apóia a força desse profeta, levado a uma noite tão terrível, rejeitado a tal ponto por seu próprio Deus? O que pode ensinar esta maravilhosa história à nossa vocação religiosa?

A grande maioria dos comentaristas procura “desculpar” o profeta das invectivas aos inimigos, sublinhando que “ainda não era cristão”! Acreditamos, ao contrário, que Jeremias possa mostrar-nos alguma coisa bem radical. Envolvido numa situação obscura e sem saída, Jeremias mostra-nos como seguir Deus, testemunhar e anunciar a sua Palavra *leva consigo perseguições e obstáculos*. O profeta se faz homem de disputa, não pela força de seu caráter, ou de qualquer pecado pessoal, mas *pela força da própria mensagem que leva*. Jeremias mostra-nos como a dificuldade e a desconfiança fazem parte — diremos, *intrinsecamente* — do serviço de Deus. E até mesmo: essas situações podem transformar-se numa privilegiada experiência de Deus.

Para compreender o segredo da força de resistência de Jeremias, podemos, então, refletir sobre dados essenciais e misteriosos da relação entre serviço de Deus e oposições e dificuldades — quando não sofrimento e morte —, que nascem *por causa* da Palavra. Se experimentamos tais dificuldades e sofrimentos, *por causa do próprio chamado ao serviço do Reino e de sua justiça*, sim, estamos num *lugar privilegiado* para fazer experiência de Deus. A “pureza” do sofrimento de Jeremias (isto é, causada e sofrida, por força da missão profética; portanto, sem qualquer culpa pessoal) é a garantia de que aquilo que o profeta de Anatot experimentou, era verdadeiramente de Deus.

Em Jeremias aparece claramente que o sofrimento não é uma consequência de culpas, um castigo. Aparece *misteriosamente* o fato de que, para usár um paradoxo, quanto mais se é amigo de Deus tanto mais se encontra, *misteriosamente*, essa paixão. O sofrimento é uma *misteriosa* participação da amizade de Deus.

O sofrimento é um *mistério* do qual o Servo de Deus se torna partícipe (e do qual o próprio Deus, em Jesus, se torna partícipe). Esse mistério, com o desenvolvimento da teologia do Servo Sofredor será percebido como presença em toda a história da salvação: Abel, o Justo, morre assassinado; a Abraão é pedido o filho; Jacó deve lutar com Deus, em Yabbok; depois da teofania do Sinai, Deus procurou matar Moisés; Davi, ungido rei, deve passar por muitas tribulações. E, finalmente, não é por acaso que a experiência central de Jesus, narrada nos evangelhos — a Paixão —, está recalcada sobre a figura do Justo Sofredor. E sobre o profeta Jeremias, o qual é identificado por alguns com o Servo do Deutero-Isaías. Sobre o sofrimento, fundamentalmente, é bom respeitar o mistério. Apenas sabemos que Deus participa dele, em Cristo, e que nós dele participamos estando com ele. Querer entender, querer explicar é *vaidade*.

O grito ao Grande Sedutor

Jeremias grita, rebela-se, acusa Deus até à blasfêmia, é profeta “a contra-gosto”, sofre isto, não vê a hora de poder desembaraçar-se do “pesado fardo” de ser anunciador dessa incômoda Palavra que Deus lhe impõe: que experiência de Deus é essa?

Pois bem, acreditamos que aqui esteja o centro para entender a experiência de Jeremias: *é exatamente nesse diálogo ininterrupto com Deus, também a base dos lamentos e acusações*, que está a força de seu “segredo”. Até no momento mais obscuro, no momento em que as trevas são a única voz, que age no coração de Jeremias, *ele jamais cessa o diálogo com Deus*. “Suas orações, entretanto, são mais que petição, são conversa íntima com Deus, na qual desnuda toda a

sua vida interior, com suas perplexidades, lutas e tentações”¹³. Ou seja, Jeremias jamais deixa de centrar sua raiva, seu medo, sua angústia. Não fica fechado dentro de sua dor, mas sempre permanece aberto ao outro “pólo dialógico”: o seu Deus.

E mais. Sim, é importante que o diálogo jamais seja interrompido por parte de Jeremias; é importante que abra o seu coração a Deus, *até mesmo* para pedir a vingança dos inimigos: não importa, nesses momentos, o conteúdo. Quando a pessoa nada mais tem a fazer, aquilo que diz passa para a um segundo plano, em relação à dor que significa o desabafo. Mais importante, no entanto, é que Jeremias tenha chegado a manifestar abertamente os seus sentimentos de contrariedade, de duríssima acusação *ao próprio Deus*. O comportamento de Jeremias é totalmente transparente, e consegue viver com abertura até uma das mais terríveis contradições que o homem traz dentro do coração: *o desejo de matar Deus*.

De fato, o homem experimenta, na sua experiência religiosa de tipo “básico”, a necessidade de Deus. Ao mesmo tempo, nos confrontos com esse Grande Desconhecido, com essa incógnita, o homem experimenta também o medo. E, desse entrelaçamento de necessidade e medo, nasce a experiência religiosa baseada nas formas de “controlar” Deus com fórmulas e rituais ou, unindo a necessidade que o homem tem de Deus, com promessas e votos. O homem oculta tal desejo “atrás da máscara de um obséquio servil, que o torna um escravo infiel, mentiroso, vil e hipócrita. Por necessidade”. Fundamentalmente, o que é esse sonho? “É o sonho da re-

volta do escravo nos confrontos com o patrão. Uma revolta rara, uma vez que são verdadeiramente raros os casos nos quais a consciência do crente encontra a coragem de tirar a máscara e desafiar Deus abertamente”¹⁴.

Pois bem, Jeremias faz isto. A relação que Jeremias tem com Deus é de total transparência, uma transparência que chega *ao extremo de dar corpo e manifestação à ressonância “deicida”* de seu coração. Tudo isto é de enorme importância porque, finalmente, revela o segredo de Jeremias.

O segredo de Jeremias

Podemos, então, depois deste percurso, enunciar tal “segredo” com a certeza, de que parecerá menos banal e deduzido. O segredo de Jeremias é *a sua relação com Deus*.

Na história de Jeremias, descobrimos que uma vocação assumida em profundidade leva consigo a força para superar qualquer obstáculo. Jeremias nos dá tal certeza. Em Jeremias, não encontramos pretexto ou excusas de situações ideais, de apoios humanos ou similares. Não, Jeremias é a própria nudez no enfrentar a prova. Essa situação, real e concreta — e não um artifício literário, como no caso de Jó —, ilustra para nós *a força da relação com Deus*. Por que isso? Porque nós somos Seus, porque participamos de Seu Ser, porque fomos criados e chamados à comunhão com a Trindade, porque somos Seu povo: a categoria espiritual, metafísica, transcendental, bíblica... tudo converge neste ponto fundamental: somos chamados à relação amorosa e gratuita com Deus.

Jeremias mostra-nos também que há uma participação misteriosa no sofri-

13. J.SKINNER, *op. cit.*, p. 199.

14. V.SPICACCI, *Gesù de Nazaret: una buona notizia?*, Milano, Ancora, 1992, p. 349.

mento: quanto mais se está próximo de Deus, tanto mais — quase se poderia dizer — se participa do mistério do sofrer. O sofrimento assume então uma força que, longe de ser resignação, é fonte de resistência, da mesma forma que com Jeremias: se o sofrimento provém da busca do Reino e de sua justiça. E parece mesmo que se estamos nesta estrada, o sofrimento certamente chega: *seguimento de Cristo é seguimento da Cruz*.

Portanto, a raiz da resistência de Jeremias é o próprio Deus, a sua profunda relação com ele. Aquela relação que nasce no dia de sua vocação profética. Jeremias não pode abandoná-la, nem mesmo se quisesse. Porque quem estabelece uma verdadeira relação com Deus, quem faz a experiência do Deus

de Jesus Cristo, *é como fogo que arde*, ao qual não se consegue resistir. E é interessante, como destacamos antes, que quando Jeremias “se demite” de profeta, Deus o re-envia ao início, ou seja, ao dia da própria vocação. E quando Jeremias quer exprimir o desgosto e a angústia pelo sofrimento, que sua missão lhe causa, amaldiçoa o dia do nascimento, isto é — para quem tinha sido chamado desde o seio materno —, o próprio chamado: isto quer dizer que o dia da vocação está bem claro na mente e no coração do profeta, como o dia do encontro com Deus.

Jeremias pôde resistir a tanto, porque fazia a experiência de Deus. Sem a força que vem dessa relação, certamente teria sido impossível.

IV. CONCLUSÃO

Jeremias ajuda-nos a compreender que a desconfiança, o sofrimento, o fracasso não são coisas que afastam de Deus; ao contrario, podem ser um lugar privilegiado de experiência e verdadeiramente fonte de resistência.

Falávamos da Vida Religiosa: tudo aquilo, que até agora vimos em Jeremias, acreditamos tenha um valor importante e suficientemente claro. Destacamos, apenas, algumas considerações a modo de conclusão. Antes de tudo, a importância da *oração pessoal*, que brota de uma relação fiel com Deus. Assim como Jeremias enfrentou seus terríveis desafios, *sem jamais interromper* o diálogo com Deus, assim pensamos que muitos dos problemas, que encontramos na vida comunitária e em nossa vida espiritual pessoal, são causados pelo abandono das mais elementares práticas de oração regular. “Se não se funda aí [na relação com

Deus], o próprio compromisso religioso se afunda [...]. Por isso mesmo, sem um ritmo consistente de vida espiritual, feito de oração, de escuta da Palavra, meditação, sacramentos, a Vida Religiosa não agüenta muito tempo[...]. De fato, antes que alguém “perca a vocação”, vai ver: perdeu antes o espírito de oração”¹⁵.

Um outro aspecto: as dificuldades e os fracassos, que sempre vivemos em nossa vida *como religiosos*. Atualmente, medimos os êxitos e os fracassos com critérios puramente quantitativos; e, embora façamos solenes proclamações de que não deve ser assim, aquilo que realmente valorizamos é quantas pessoas foram batizadas, se enchamos a catedral com o *louvor*, se temos as crianças no catecismo (Quantos? Aumentaram? Ótimo!), se temos um satélite ou dois para a rede católica, e coisas do gênero. Ou seja, estamos presos à lógica totalmente “mundana”: e, agora, de

15. C. BOFF, *op. cit.*, p. 40.

tipo neoliberalista. Portanto, uma vez que a sociedade recusa o fracasso de maneira absoluta, torna-se difícil propor o fracasso como alguma coisa que verdadeiramente é evangélica¹⁶. Radicados e fundados no amor-dom, ou seja, no próprio Deus, na obediência à sua vontade, como resposta livre à livre comunicação do amor-até-à-morte daquele que nos amou, podemos olhar com grande liberdade interior todas as dificuldades e fracassos, que a vocação recebida poderia encontrar. A opção não é pelo fracasso, mas pela pessoa de Jesus Cristo.

Na vocação assumida profundamente, não por coerência humana, mas pela fidelidade ao chamado original e constitutivo da parte de Deus, o religioso pode encontrar a fonte de força para superar todos os momentos de dificuldade, mas sobretudo para encontrar aquele Deus *misterioso*, que é frágil, duvidoso, fracassado. Quanto mais, atualmente, a teologia da prosperidade, do *pare de sofrer!*, das "curas" estão entrando na Igreja e na Vida Religiosa, tanto mais é urgente retornar à lição de Jeremias e do Cristo Crucificado.

TRADUÇÃO: MAGDA F. DE QUEIROZ

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Porque a "coragem" de fracassar é algo que deve ser descoberto pela Vida Religiosa?
2. Quais as "lições" que podemos aprender do profeta Jeremias, diante de situações de fracasso e de derrota, pessoal ou comunitária?
3. Como, a partir dessas lições, alimentar a esperança do povo na atual circunstância de aparente derrota e fracasso da luta pelas transformações históricas?

 MASSIMO PAMPALONI, SJ.
Natural de Firenze, Itália.
Estudante de Teologia no Centro de
Estudos Superiores da Companhia de Jesus.

Endereço do autor:
Caixa Postal: 5047
31611-970 — Belo-Horizonte / MG